

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS CAMPUS DE MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

SIMONE BORGES PAIVA

**MEDIANDO INFORMAÇÕES: DIFERENTES SUPORTES PARA AS
LEITURAS DA UNATI-MARÍLIA.**

Marília, SP.
2009

SIMONE BORGES PAIVA

**MEDIANDO HISTÓRIAS: DIFERENTES SUPORTES PARA AS LEITURAS
DA UNATI-MARÍLIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Ciência da Informação da
Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP-Marília
para exame geral de qualificação.

Orientador: Prof. Dr. Oswaldo Francisco Almeida Jr.

Marília, SP.
2009

PAIVA, S.B. (do autor)
P---m Mediando informações: diferentes suportes para as leituras da UNATI-Marília / Simone Borges Paiva. – Marília, 2009.
92 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.

Bibliografia: f. 90-92

Orientador: Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

1. Mediação da Informação. 2. Leitura. 3. Suportes Informacionais. 4. Idosos

SIMONE BORGES PAIVA

**MEDIANDO INFORMAÇÕES: DIFERENTES SUPORTES PARA AS
LEITURAS DA UNATI-MARÍLIA.**

Marília, ____/____/____.

Dissertação para obtenção do título de
Mestre em Ciência da Informação.

BANCA EXAMINADORA:

.....
Prof. Dr. Oswaldo Francisco de Almeida Júnior

.....
Prof. Dra. Maria Cândida Soares Del Masso

.....
Prof. Dr. Edmir Perrotti

Dedicatória

A minha família original e aos agregados!

Agradecimentos

A minha família que desde cedo viu luz onde eu ainda não via. Viu coragem, viu capacidade e viu esperança. Cheguei aqui!

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP Campus de Marília.

Ao Professor Oswaldo. Um dia assistindo uma palestra pensei: aí se pudesse ter este Professor como meu orientador! Um suspiro virou realidade. Obrigado, muito obrigado mesmo por acreditar!

A Professora Maria Cândida, chefe sempre! A Ivanete mestre profissional, amiga incondicional.

Ao Professor Edmír Perrotti, honestamente não tenho palavras para descrever a alegria que as surpresas da vida são capazes de operar, um dia em Jequié, hoje na minha banca de Mestrado.

Aos meus amigos, vocês conhecem os tropeços, as reclamações e as alegrias do processo, obrigado pela paciência, pelo ombro e pela confiança!

Aos meus amigos e parceiros de leitura da UNATI. Cresci com vocês. Um crescimento difícil, porém vivenciado semanalmente e degustado constantemente. Muito obrigado pelo apoio e pelos relatos que hoje tenho licença para publicar.

Obrigado a todos por tudo! Até a próxima!

PAIVA, Simone Borges. **Mediando histórias: diferentes suportes para as leituras da UNATI-Marília**.2009.110f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

Investigamos em que medida as ações de mediação da informação e de leitura podem influenciar na aceitação de novos suportes de informação por parte dos idosos. Este foi um dos pressupostos tratados por esta pesquisa. Para tanto foi discutido a forma como o sujeito conhece e como interage com o mundo. Assim, percebemos a construção de conceitos acerca dos sujeitos, neste caso, os idosos e como eles podem ter sua vida influenciada pela reconstrução do seu papel social. A leitura e as ações de mediação perpassam por todos os contextos descritos na pesquisa, assegurando que, independente do suporte informacional, é a ação do sujeito que determina o papel do suporte no grupo e na comunidade. Assim, entendemos que os suportes atuam como atratores iniciais, mas que são suprimidos pelos processos criativos que emergem a partir da ação coletiva dos sujeitos.

Palavras-chave: mediação, leitura, idosos, suportes de leitura.

PAIVA, Simone Borges. **Mediando histórias: diferentes suportes para as leituras da UNATI-Marília**.2009.110f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

We investigate to what extent the actions of mediation of information and reading can influence the acceptance of new media information to the elderly. This was one of the conditions treated by this research. Thus, we discussed how the subject knows and how it interacts with the world. Thus, we see the construction of concepts about the subject, in this case, the elderly and how they can have their lives affected by the reconstruction of its social role. Reading and the actions of mediation permeate all the contexts described in the research, ensuring that regardless of informational support, is the individual's action that determines the role of the support group and community. Thus, we believe that the media act as attractors stages, but are suppressed by the creative processes that emerge from the collective action of individuals.

Key-words: mediation, reading, elderly, information support.

Lista de Ilustrações

Figura 1: relação mediada S-R.....	p.27
Figura 2 – Síntese da Oficina do Blog.....	p.74
Figura 3 – Quadro comparativo dinâmica Sofia.....	p.80
Figura 4 – Representação gráfica dinâmica Sofia.....	p. 82
Figura 5 – Foto da dinâmica Sofia.....	p.82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p. 12
1 CONHECIMENTO E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	p.16
1.1 <i>Dimensões do conhecimento.....</i>	<i>p.16</i>
1.2 <i>Mediação.....</i>	<i>p.24</i>
1.3 <i>Implicações da mediação: a zona de desenvolvimento proximal.....</i>	<i>p. 30</i>
1.4 <i>A mediação e a Ciência da Informação.....</i>	<i>p. 34</i>
2 ENVELHECIMENTO HUMANO.....	p. 38
2.1 <i>Envelhecimento humano: concepções atuais.....</i>	<i>p.38</i>
2.2 <i>Representações do envelhecer: rompendo barreiras com criatividade.....</i>	<i>p.43</i>
2.3 <i>Grupos de terceira idade: relendo histórias coletivamente.....</i>	<i>p.53</i>
3 LEITURAS TEXTUAIS E COLETIVAS.....	p.55
3.1 <i>Preâmbulos.....</i>	<i>p.55</i>
3.2 <i>Várias leituras: vários suportes.....</i>	<i>p.58</i>
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	p.63
4.1 <i>O instrumento metodológico.....</i>	<i>p.65</i>
4.2 <i>Os sujeitos da pesquisa: alunos da UNATI.....</i>	<i>p.67</i>
4.3 <i>A Oficina de Leitura.....</i>	<i>p.68</i>
4.4 <i>Do literário ao textual: a construção do jornal.....</i>	<i>p.69</i>
4.5 <i>o jornal no ambiente virtual: blog.....</i>	<i>p.71</i>
4.6 <i>A Oficina do Blog: relatos de uma história.....</i>	<i>p.74</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.97
6 REFERÊNCIAS.....	p.100

INTRODUÇÃO

O ritmo de mudanças sociais nem sempre é acompanhado por todos os indivíduos. Formas de comportamento, mudanças no uso da língua, alterações dos papéis sociais, ajustes constantes nos objetos, nas tecnologias. Cada indivíduo interage com essas mudanças, buscando encontrar pontos de apoio em meio a tantos estímulos. Para entender o mundo, é necessário ler e reler continuamente a dinâmica que o organiza.

O homem realiza leituras constantes acerca da sua existência e das realidades que o cercam. Leituras essas que atualizam valores, ações e reações humanas no contexto social. E essa habilidade de ler o que está em volta, também alcança os artefatos tecnológicos. Direcionando o enfoque para as tecnologias, percebemos que o ritmo tecnológico influencia o fazer profissional, modifica a dinâmica das relações entre os sujeitos e distorce o conceito de realidade. No contexto atual têm poder, aqueles que conseguem processar informações rapidamente; a economia do tempo é fundamental. E o que fazem aqueles sujeitos para os quais a rapidez das ações deu lugar ao desfrute da vida?

Os idosos experimentam mudanças sociais. Experimentam o processo de reorganizar a vida para que consigam enfrentar uma fase na qual a rapidez dá lugar à degustação. Não se aposentam da vida, continuam ocupados, mas o enfoque da ocupação passa a ser a vida pessoal e não mais o corre-corre profissional.

Como esses sujeitos interagem com a tecnologia? O crescimento do número de usuários de tecnologia é constante. Telefones celulares, utensílios domésticos, microcomputadores, artefatos diversos, com funções variadas e disponíveis para todos os segmentos sociais. Mas são realmente acessíveis? E quando falamos em acessibilidade não pensamos apenas nas possibilidades de aquisição material, falamos em acessibilidade no manuseio, no domínio da tecnologia. Afinal de contas, é papel do criador, controlar a sua criação. Acessibilidade deve ser tomada em seu sentido mais amplo. Para desfrutar das inovações tecnológicas, é necessário compreender suas funções.

E os idosos, como reagem a tantas mudanças? Homens e mulheres com idade superior a 55 anos experimentaram a vida, a passagem do tempo e a vivência dos dias com um ritmo cadenciado, ordenado, linear. E eis que no momento em que a vida sofre o impacto da

chegada da aposentadoria, coincidentemente é o momento da história da humanidade em que a passagem do tempo está longe de ser cadenciada, onde a urgência do novo é constante, e o sujeito envolve a sua existência em um ambiente de estímulos diversos.

A realidade revelada nesse contexto nos faz refletir sobre como aproximar idosos da tecnologia, de modo mais particular o computador. Pode o computador fazer parte da vida do idoso? E a internet, seria ela esse ambiente de multipossibilidades para os idosos? E quais seriam as estratégias que poderiam ser utilizadas para aproximar os idosos e o computador?

Para que algo seja incorporado à vida do sujeito, é necessário que haja um reconhecimento do objeto não apenas no âmbito visual, mas que haja um reconhecimento tátil do objeto. Uma leitura conduzida pelos sentidos que vai dar ao objeto a capacidade de ser apreendido pelo sujeito.

O homem está familiarizado com o manuseio do livro, graças há séculos e séculos de aperfeiçoamento da arte de ler e de ouvir. A oralidade permitia a absorção das histórias por meio da audição, mas ali, já era necessário ler o sujeito que pronunciava as palavras. A leitura dos gestos, da expressão. A história sendo revelada por gestos, e interpretada pelos olhos atentos daqueles que liam gestos e ouviam palavras. Do declamar ao escrever. Dos gestos soltos no espaço às palavras encerradas em papéis. Dos textos restritos, à impressão em quantidade, que atingia a todos de forma tão diferente.

A leitura e os suportes textuais foram evoluindo continuamente no processo histórico, e hoje, não há distância entre o leitor e o livro. É o sujeito que vai moldando o suporte textual com o intuito de transformar o ato de ler em uma atividade prazerosa. E assim acontece com o computador enquanto suporte textual, enquanto objeto de leitura e enquanto ferramenta de produção e disseminação do texto e da leitura. A internet é esse elemento que converge mídias, que imita o fazer criativo do sujeito com suas conexões e possibilidades. E é também a internet, a ferramenta que rompe as barreiras do convencional, ao possibilitar a divulgação de produtos tão particulares, em âmbito público. E é o sujeito quem opera todas essas possibilidades, mas só será capaz de agir mediante o conhecimento das ferramentas que estão disponíveis.

Diante desse universo de possibilidades, nossa investigação tem por objetivo refletir sobre as relações entre os processos de mediação da informação e as ações da leitura, e

investigar em que medida essas atividades podem auxiliar os idosos na descoberta de outros suportes de leitura.

A justificativa para essa pesquisa reside no fato de que o uso de computadores é uma realidade. Homens e mulheres recorrem cada vez mais ao seu uso, no entanto, é necessário estimular o contato mais significativo entre sujeitos e tecnologia. O que observamos é uma mudança na maneira como os sujeitos leem. O que se apresenta no contexto atual não é o fim do livro como alguns profetizam, mas sim, um momento de incorporação de outros suportes de leitura. E como tudo acontece em um processo histórico, os sujeitos necessitam de tempo e de estratégias para que sejam capazes de absorver esses novos olhares sobre as formas de ler. E os idosos são os sujeitos que experimentaram as primeiras experiências, as formas tradicionais de leitura e de interação com o mundo. Para esses sujeitos, são necessárias ações de mediação e de leitura que os coloquem como capazes de interagir no mundo, e capazes de reler o mundo a partir de qualquer elemento disposto no ambiente, necessitando para isto estar informado. E a leitura das informações possibilita o surgimento dos processos criativos. As novidades são originadas quando o universo de informações do sujeito é ampliado. O mesmo acontece com a manipulação de objetos. Quanto maior é o conhecimento acerca do objeto, maiores são as chances de desenvolver práticas mais significativas e mais próximas do universo de interesse dos sujeitos.

Os idosos possuem a potencialidade para atuarem como usuários reais dos computadores e para isso são necessárias estratégias e projetos que ampliem as formas de visão sobre o uso e a utilidade dos computadores.

Para atender à necessidade de expansão na abordagem das tecnologias, utilizamos nessa investigação a perspectiva sociocultural de Vygotsky. Com seus estudos, exploramos os conceitos de mediação e os níveis de desenvolvimento dos indivíduos. Para a coleta de dados, utilizamos a pesquisa-ação. A pesquisa-ação por se tratar de um modelo de pesquisa dinâmico, aproxima seus métodos dos sujeitos da pesquisa e do pesquisador, mostrando assim a relação complexa que se constrói ao longo do desenvolvimento dos estudos acadêmicos.

Utilizamos tais teorias com vistas a aproximar os indivíduos do campo de atuação da Ciência da Informação, traçando paralelos, ampliando domínios teóricos. A sincronia dessas abordagens visa mostrar que os limites dos sujeitos não podem ser vistos como superiores às suas potencialidades. E são os mediadores, os profissionais que desenvolvem produtos,

serviços que realizam atividades de ação cultural; são esses mediadores que devem ampliar seus horizontes de atuação, enxergando nos sujeitos, não meros usuários, mas agentes de sua construção histórico-cultural.

1. CONHECIMENTO E MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

1.1 Dimensões do conhecimento

Conhecer. Como o homem conhece? Como o homem estrutura em seu interior todos os elementos que compõem seu corpo e seu ambiente externo? O processo de aquisição do conhecimento norteia o agir do sujeito. Direciona o olhar do homem, não só para refletir acerca de sua própria existência, mas também acerca do seu papel enquanto membro de um grupo e parte do micro-cosmo onde ele habita. Conhecemos e atribuímos significados ao meio e a tudo o que nele vive, com vistas a organizar o agir individual no mundo. Um agir que é do indivíduo, mas que também é do outro que com ele vive. Assim, desde os atos sensoriais até a elaboração de pensamentos complexos têm-se vários níveis de conhecimento representados de formas diversas estando, portanto, na base da existência do ser.

Já foi dito que “Conhecer é passar da aparência à essência, da opinião ao conceito, do ponto de vista individual à idéia universal de cada um dos seres e de cada um dos valores da vida moral e política” (CHAUÍ, 1995, p.112). São diversas nuances acerca do conceito, conhecer. Nuances que denotam a coletividade e a individualidade na construção do conhecimento. Por revelar-se como um conceito chave para o entendimento do ser humano, o conhecimento desenvolveu-se como fonte de investigação em diversas áreas do saber humano, e seu estudo evoluiu ao longo dos séculos revelando toda a sua complexidade. Foi a Filosofia, uma das primeiras áreas a explorar os vários aspectos que relacionam os seres e o conhecimento.

Ao questionar-se acerca da natureza do conhecimento, a Filosofia buscava entender “aquilo que é essencial a todo conhecimento, aquilo em que consiste sua estrutura geral” (HESSEN, 2000, p.19). A partir do raciocínio do autor, conclui-se que não bastava apenas apresentar as estruturas do conhecimento, foi necessário apresentá-lo em sua essência para que o fenômeno pudesse ser compreendido em sua totalidade. Uma vez que “nosso conhecimento vai sendo formado e enriquecido por acumulação das informações trazidas por todos os graus” (CHAUÍ, 1995, p.112), ou seja, são vários elementos e várias formas de conhecer.

Mas, houve aqueles que entenderam o conhecimento como uma relação dual, de acordo com Hessen (2000, p. 20) “No conhecimento defrontam-se consciência e objeto, sujeito e objeto. O conhecimento aparece como uma relação entre esses dois elementos”. Onde a “função do sujeito é apreender o objeto; a função do objeto é ser apreensível e ser apreendido pelo sujeito” (HESSEN, 2000, p.20).

A partir da análise das colocações expostas acima, pode-se observar, de forma sucinta as duas correntes sobre as quais foi estruturado o ramo da filosofia que investiga o processo de aquisição do conhecimento. Essa área específica da Filosofia chama-se Teoria do Conhecimento. Vários filósofos mergulharam na contemplação do que seria o conhecimento, e suas hipóteses levaram a duas divisões principais: o Racionalismo e o Empirismo. O racionalismo de Platão e Descartes repousava suas hipóteses sobre a ação consciente do sujeito que conhece o objeto de forma racional, assim, segundo Chauí (1995, p.117) “para o racionalismo, a fonte do conhecimento verdadeiro é a razão operando por si mesma, sem o auxílio da experiência e controlando a própria experiência sensível” a relação proposta pelo racionalismo entende que a consciência, também entendida como razão, relaciona-se com o objeto visando interpretar e apreender seus significados. É a consciência que direciona os meios pelos quais o sujeito irá interagir com o objeto. Não sendo assim uma experiência direta com o objeto, mas mediada pelos conceitos criados pela consciência.

Já para o Empirismo de Aristóteles e Locke, temos a relação do sujeito com o objeto, onde os aspectos empíricos também são considerados como graus de conhecimento. Chauí (1995, p. 117) lembra que no Empirismo “a fonte de todo e qualquer conhecimento é a experiência sensível, responsável pelas idéias da razão e controlando o trabalho da própria razão.” Para os empiristas, a ação opera sobre a aquisição do conhecimento, de tal forma que os processos racionais também são condicionados pela experiência. Entre empiristas e racionalistas temos concepções opostas quanto à origem dos processos de aquisição do conhecimento. Por um lado, à razão atua soberana, e por outro, são as experiências que se constituem em níveis iniciais de conhecimento que levam às estruturas mais complexas e elaboradas.

Ao longo dos anos, filósofos investigaram tais correntes, agregando a elas novos preceitos ou simplesmente reafirmando as postulações anteriores. Tais estudos trazem como idéia central, o fato de que “a Teoria do Conhecimento busca compreender o pensamento humano em sua referência objetiva, em seu relacionamento com os objetos. A relação de todo

pensamento com os objetos é o objeto formal da teoria do conhecimento”.(HESSEN, 2000, p.133). Complementando tal preceito, tem-se que “a teoria do conhecimento volta-se para a relação entre o pensamento e as coisas, a consciência (interior) e a realidade (exterior), o entendimento e a realidade; em suma, o sujeito e o objeto do conhecimento.” (CHAUI, 1995, p. 114).

Ao refletir acerca dos estudos da teoria do conhecimento, é possível constatar que mesmo naquelas teorias em que ou a razão ou a experiência apareciam como princípios norteadores centrais, havia espaço para a discussão de outros elementos secundários auxiliares no processo de aquisição do conhecimento.

Assim, o conhecimento revela-se e surge por meio da sensação, percepção, imaginação, memória, linguagem, raciocínio. Cada um desses fenômenos interage de forma diferente com o sujeito e com a razão, o que dá ao processo de aquisição do conhecimento características dinâmicas e complexas. Uma vez que “o intelecto conhece a inteligibilidade do mundo, alcança a racionalidade do real e pode pensar a realidade porque nós e ela somos feitos da mesma maneira, com os mesmos elementos e com a mesma inteligência”. (CHAUI, 1995, p.113).

Razão e experiência sofrem influência do ambiente externo, pois o meio também exerce influência sobre o sujeito e sobre a sua consciência. O sujeito é passivo e ativo dentro do meio, atua e recebe influências num processo altamente interacional.

Contemplando as interações entre razão, experiência e meio, temos um contexto representativo do que seria um meio termo entre o Racionalismo e o Empirismo.

Haveria espaço para a razão por meio da consciência, do ato de refletir e pensar sobre o ser e sua ação como também haveria espaço para a concepção da experiência enquanto dimensão prática desse ato de pensar, ou seja, o pensamento no âmbito da experiência revelase como a ação da intelectualidade consciente agindo e transformando a si e ao meio.

Mas também haveria espaço para a ação concretizada, o pensamento levado à ação por meio da interação com o ambiente externo, registrado na construção e manipulação dos instrumentos, na verbalização do pensamento por meio da linguagem e de tantas outras formas de conversão dos processos mentais em práticas exteriores.

Para entender a dinâmica complexa que está relacionada com os processos de aquisição do conhecimento faz-se necessário ampliar a abordagem acerca das realidades formativas do indivíduo, sendo elas interiores e exteriores ao próprio sujeito. É conveniente trazer para a investigação do estudo em questão, os preceitos apresentados pela corrente sociocultural, que tem em L. S. Vigotsky seu principal expoente. Acerca da originalidade de seus trabalhos já foi dito que:

Vygotsky viu nos métodos e princípios do materialismo dialético a solução dos paradoxos científicos fundamentais com que se defrontavam seus contemporâneos. Um ponto central desse método é que todos os fenômenos sejam estudados como processos em movimento e em mudança. (COLE; SCRIBNER, 2000, p.08).

Os fenômenos são investigados ao longo de uma trajetória biológica, histórica, social e cultural. De modo que “Não só todo fenômeno tem sua história, como essa história é caracterizada por mudanças qualitativas (mudança na forma, estrutura e características básicas) e quantitativas”. (COLE; SCRIBNER, 2000, p.08).

Diante de tamanha diversidade, pode-se dizer que o sujeito pode ser influenciado por fatores que vão além da sua vontade e consciência. Sua história e desenvolvimento encontram-se não só dispersos ao longo da sua história, mas também são retomados a partir dos encontros que este mesmo sujeito realiza com o meio e com os demais seres que nele habitam Vygotsky (2000, p.68) ao refletir sobre o papel do sujeito no meio lembra que “Poder-se-ia dizer que a característica básica do comportamento humano em geral é que os próprios homens influenciam sua relação com o ambiente e, através desse ambiente, pessoalmente modificam seu comportamento, colocando-o sob seu controle”.

A partir da leitura do comentário do autor, entende-se que o sujeito é agente da construção de sua história, mas que também é receptor, uma vez que interage em seu contexto. Assumindo a premissa de que a aquisição do conhecimento é um processo do qual participam os vários níveis de organização corporal do sujeito, e que o homem conhece o mundo de diversas formas, não poderíamos assumir que tal conhecimento estaria encerrado na individualidade do sujeito.

Primeiramente porque o sujeito existe não como entidade isolada, e sim como integrante de um meio no qual compartilha sua existência com seus pares, com outros seres animados e inanimados e com a natureza. Estando em contato com tamanha diversidade, o

sujeito realiza trocas. O contato, por menor que seja, provoca alterações. Uma lei da Física, apresentada como um conceito puramente matemático já preconiza que toda ação gera uma reação. Assim sendo, cada ação desencadeada por um dos elementos constituintes de um determinado meio, gera reações no agente e em todos aqueles que a recebem.

Pensando na atuação dos seres humanos ao longo dos séculos, notamos diversificadas formas de interferência no ambiente e na constituição do próprio sujeito. Foram séculos de evolução e desenvolvimento, que não são o objeto de estudo deste trabalho, mas que merecem atenção pelo fato de revelarem como os homens construíram objetos e artefatos e estabeleceram práticas sociais. Tais fatores foram favorecidos tanto por questões biológicas quanto por elementos culturais. Pino (2000, p.70) ressalta que, em tais aspectos

[...] as funções *biológicas* não desaparecem com a emergência das *culturais*, *mas* adquirem uma nova forma de existência: elas são incorporadas na história humana. Afirmar que o desenvolvimento humano é cultural equivale portanto a dizer que é histórico, ou seja, traduz o longo processo de transformação que só o homem opera na natureza. Isso faz do homem o artífice de si mesmo.

Situando a atuação dinâmica desses seres em termos de uma perspectiva teórica, localizamos os estudos da corrente histórico cultural, que tem no Materialismo Histórico e Dialético, suas principais vertentes. Para tais correntes, temos que “o conhecimento é um processo histórico que segue as leis da dialética”.(PINO, 2000, p.68) e como tal “não é o real em si, tampouco, um mero objeto da razão. Ele é o real transformado pela atividade produtiva do homem, o que lhe confere um modo humano a de existência.” (PINO, 2000, p.69). Entender o conhecimento sob a perspectiva dialética é perceber que “É o materialismo que confere a dialética seu caráter histórico, pois expressa os princípios das condições concretas do conhecimento, ou seja: (a) a distinção entre o real e o conhecimento desse real e (b) a primazia do real sobre o conhecimento.” (PINO, 2000, 70).

A perspectiva histórico-cultural permite olhar para a história e acompanhar o crescimento das formas de interação e aquisição do conhecimento. A conduta, o fazer, o existir dos sujeitos são constantemente reconstruídos, a partir da vivência de novas experiências.

Ao longo do desenvolvimento das funções superiores – ou seja, ao longo da internalização do processo de conhecimento – os aspectos particulares da existência social humana refletem-se na cognição humana: um indivíduo tem a capacidade de expressar e compartilhar com os outros membros de seu

grupo social o entendimento que ele tem da experiência comum ao grupo. (JOHN-STEINER; SOUBERMAN, 2000, p.177).

Os autores informam que os fatos externos vivenciados pelos sujeitos são internalizados e voltam para o meio social a partir da análise individual, e para compreender como o ambiente social influencia os processos cognitivos dos sujeitos, é preciso entender a complexidade das relações sociais. Assim, Pino ao comentar sobre o trabalho de Vygotsky informa que o autor, ao colocar a investigação de tais questões sob o prisma dos fatores histórico-culturais, lembra que:

[...] o social é uma categoria geral que se aplica a um conjunto de fenômenos que, tanto no mundo animal quanto no mundo humano, envolvem diferentes formas de organização dos indivíduos. Segundo, tanto no mundo animal quanto no mundo humano, o social é um “valor agregado” ao biológico, qualquer que seja a maneira como ele emerge. (PINO, 2000, p.60).

De tal modo que, “As formas humanas de organização social, em que a sociabilidade natural se concretiza, são obras do homem e, como tal, obedecem a leis históricas que determinam as condições concretas de sua produção. É o caráter histórico dessa produção que define o social humano.” (PINO, 2000, p.61).

É importante retomar algumas idéias centrais apresentadas pelo autor e que merecem destaque em nosso estudo. A primeira delas é o papel do social no desenvolvimento dos seres, sendo, portanto um conjunto de fenômenos distintos, que se organizam de formas distintas dentro dos grupos de seres. E essa organização distinta segue regras de adaptabilidade, que por intermédio trabalho, modificam o ambiente.

Reafirmando tais aspectos, Pino, ao comentar os estudos de Vigotsky acerca do caráter histórico-cultural, revela que:

[...] podemos pensar que as relações sociais constituem um complexo sistema de *posições sociais* e de *papéis* associados a essas posições que define como os atores sociais se situam uns em relação aos outros dentro de uma determinada sociedade e quais são as expectativas de conduta ligadas a essas posições. Por outra parte, dado que as relações sociais são determinadas pelo modo de produção da sociedade, as posições sociais e os papéis a elas associados traduzem a maneira como as formas produtivas se configuram nessa sociedade. (PINO, 2000, p.64).

De forma que

As relações sociais são determinadas pelo modo de produção que caracteriza uma determinada formação social. Isso nada tem a ver com qualquer tipo de determinismo mecanicista que ele mesmo critica, uma vez que os modos de produção não são dados pela natureza mas determinadas pelos homens (por aqueles que detêm o poder na sociedade) em função de interesses específicos. (PINO, 2000, p.63).

Assim, observando todos esses fatores, compreendemos como o agir social do homem influencia no seu processo de construção da realidade e de aquisição do conhecimento. As práticas externas, os trabalhos exteriores criados pelos sujeitos repercutem internamente na formação de cada um. Sobre esse processo de internalização das práticas sociais externas, Pino (2000, p.66) lembra que “[...] o objeto a ser internalizado é a significação das coisas, não as coisas em si mesmas. Portanto, o que é internalizado das relações sociais não são as relações materiais, mas a significação que ela tem para as pessoas. Significação que emerge na própria relação.”.

Percebe-se que a internalização ocorre por meio da percepção individualizada de cada sujeito, mas acontece no encontro dos indivíduos, no ambiente social mediado pelo ambiente, por objetos pelos pares, sendo o significado resultado emergente da relação, do encontro, único daquele momento. A internalização como um produto social internalizado sob a ótica do sujeito, revela que:

Dizer que o que é internalizado é a significação dessas relações equivale a dizer que o que é internalizado é a significação que o outro da relação tem para o eu; o que no movimento dialético da relação, dá ao eu as coordenadas para saber quem é ele, que posição ocupa e o que se espera dele. [...] é pelo outro que o eu se constitui em um ser social com sua subjetividade. (PINO, 2000, p.66).

Em suma, “o outro passa a ser assim, ao mesmo tempo, objeto e agente do processo de internalização, ou seja, o que é internalizado e o mediador que possibilita a internalização”.(PINO, 2000, p.67).

É necessário retomar algumas idéias apresentadas pelo autor. A questão da complementaridade que existe nas relações entre os indivíduos socializados. Vale salientar

que “o que cada pessoa pensa, fala, sente, rememora, sonha, etc. é função do que o outro das múltiplas relações sociais em que ela está envolvida pensa, fala, sente, rememora, sonha etc.” (PINO, 2000, p.74).

São sujeitos complexos. Sua complexidade reside no fato de que trocam estímulos com todos os elementos constituintes do meio, e ainda trazem os processos de aprendizagem que foram vivenciados ao longo da história. Pino (2000, p.70) apresenta a seguinte analogia para as questões da historicidade e das relações entre os sujeitos. Ele conceitua tal contexto como “Algo que nos faz pensar na criação ininterrupta do velho no novo, do significado dado na flutuação do sentido”. De modo que:

A capacidade de pensar, de falar, de registrar em memória, etc. são funções permanentes da pessoa, mas sujeitas às leis históricas das condições da sua produção: produtos da fala, das idéias, das lembranças etc. Essas funções são portanto função dessas condições de produção, as quais não permanecem sempre necessariamente as mesmas.(PINO, 2000, p.70).

Novamente, reforçamos a idéia da originalidade dos acontecimentos, dos encontros, dos produtos desenvolvidos pelo sujeito. Tais originalidade e unicidade residem no fato de que a produção das capacidades humanas, estando permanentemente em formação, depende as condições nas quais foram geradas já que “O que nós pensamos o que nós dizemos, o que nós rememoramos depende das condições concretas em que isso ocorre” (PINO, 2000, p.70).

1.2 Mediação

Ao conhecer a si e ao mundo, o sujeito é convidado a evoluir. Evoluir de um estágio inicial para um estágio subsequente. Um processo no qual o ser busca manter aquelas características que asseguram sua adaptabilidade ao meio, conseqüentemente, a permanência da espécie. Assim, o desenvolvimento de um único ser, desencadeia todo um processo de ajuste dentro do contexto, ações e reações.

Poderíamos estender tais preceitos para o desenvolvimento das sociedades, ou pelo menos, tomar como base o princípio de interdependência entre elementos. As alterações e modificações no ambiente, provocam ruídos ou interferências nos seres que co-habitam nesse espaço. Há um processo de ajuste mútuo. A isto poderíamos denominar interdependência. De modo que “somos natureza e cultura, criadores e criaturas, matéria e espírito, em proporções indivisíveis e imensuráveis.” (PERROTTI, 2008).

Após apresentar as nuances do processo de aquisição do conhecimento, voltamos o nosso olhar para a questão da construção do conhecimento e da estruturação do sujeito por meio da sua interação com o ambiente, o contato com seus pares e sua vivência com o meio.

Compreendemos que existe uma forma de apreensão direta da realidade, mas que há também uma forma de apreensão indireta. Indiretamente compreende-se o mundo a partir do ponto de vista individual, da construção particular de cada sujeito sendo esse sujeito ativo e passivo dentro do processo. É um processo de interação entre todos os elementos que compõem o contexto.

Essa concepção interacionista de uma realidade mediada é estudada aqui, a partir dos trabalhos de Vygotsky. O conceito de mediação prevê a introdução de elementos no processo de elaboração dos conhecimentos. A partir disso, é possível conceituar a mediação como sendo “o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” (OLIVEIRA, 2001, p.36). A autora complementa dizendo que “a mediação é um processo essencial para tornar possíveis atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo” (OLIVEIRA, 2001, p.36).

Acerca dos pontos apresentados pela autora, vale destacar algumas questões. Primeiramente refletindo sobre o fato de que a mediação permite a complexificação do comportamento humano, dando condições para ações controladas e direcionadas pelo próprio sujeito. Há um outro aspecto que merece destaque, e esse aspecto seria o papel da intervenção no contexto dos trabalhos de Vygotsky. A palavra intervenção normalmente está associada a um contexto negativo, remete a uma ruptura, interferência em uma determinada situação. Esse agir intervencionista leva ao entendimento de que a interferência é uma ação opressora. Um sujeito por meio de sua ação, suprimindo a ação de um outro.

No entanto, Vygotsky não trabalha com essa perspectiva quando discute o papel da intervenção dentro do contexto da mediação. O intervir é visto como uma interferência sim, no entanto, uma interferência que provoca uma reorganização, re-elaboração de uma situação, do sujeito e da história. É uma visão positiva e construtiva acerca da ação dos outros dentro do processo. Esses outros podem ser objetos, signos, homens, elementos distintos, o mais importante é que os interventores vão aos poucos sendo incorporados ao contexto, auxiliando no processo de mediação uma vez que o processo de mediação também pode ser entendido como um processo intervencionista, por meio da ação de um sujeito. Sobre tal questão é possível informar que

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. (ALMEIDA JR, 2008, p.03).

O autor apresenta ainda dois momentos no processo de mediação. O primeiro disserta sobre a necessidade de ajustes estruturais que permitam a mediação da informação, ou seja, uma ação de interferência no ambiente, de modo a favorecer a integração entre sujeito e ambiente, já que a construção do conhecimento perpassa pela percepção do ambiente. O segundo apresenta o instante do encontro, onde o elemento mediador é o próprio profissional da informação. O autor defende que:

A mediação implícita, ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais (1) em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários. Nesses espaços, como já observado, estão a seleção, o armazenamento e o processamento da informação. A mediação explícita, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a

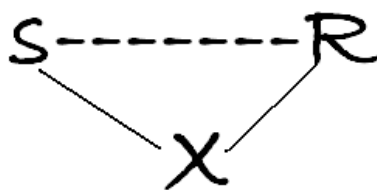
interferência do profissional da informação. (ALMEIDA JR, 2008, p.04).

A partir da leitura de Almeida Jr. percebemos a releitura das teorias socioculturais, dessa vez aplicadas ao contexto da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, discutindo o conceito de mediação da informação. Prática tão presente no cotidiano destas áreas, mas que é pouco discutida. Um outro aspecto é a percepção da mediação em momentos distintos, porém momentos que necessitam da ação de intervenção do bibliotecário.

Por se tratar de uma intervenção, é sempre realizada por meio da introdução de um elemento externo ao processo em questão, ao qual podemos denominar elemento intermediário. Elemento intermediário, mediador, auxiliar no processo e construção do conhecimento e não o elemento principal. É o homem, o usuário da unidade de informação, quem age no ambiente de modo a incorporar as informações que lhes forem perceptíveis. Em termos gerais, Oliveira (2001, p. 27) argumenta que na proposta sociocultural, “Vygotsky trabalha, então, com a noção de que a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas fundamentalmente, uma relação mediada” (OLIVEIRA, 2001, p.27).

A existência de pensamentos complexos é precedida por formas elementares de comportamento. Para explicar esses comportamentos Vygotsky, afirma que:

Toda forma elementar de comportamento pressupõe uma reação direta à situação-problema defrontada pelo organismo o que pode ser representado pela forma simples ($S \rightarrow R$). Por outro lado, a estrutura das operações com signos requer um elo intermediário entre o estímulo e a resposta. Esse elo intermediário é um estímulo de segunda ordem (signo), colocado no interior da operação, onde preenche uma função especial; ele cria uma nova relação entre S e R O termo ‘colocado’ indica que o indivíduo deve estar ativamente engajado no estabelecimento desse elo de ligação. Esse signo possui, também, a característica importante de ação reversa (isto é, ele age sobre o indivíduo e não sobre o ambiente). Consequentemente, o processo simples estímulo-resposta é substituído por um ato complexo, mediado, que representamos da seguinte forma:



Relação mediada S-R

Para o melhor entendimento dessa citação, é necessário explicar alguns conceitos apresentados. S indica estímulo, R resposta e o X o signo. A relação entre S e R está representada por uma linha pontilhada significando que a ação entre ambos, deixa de ser direta. Ela passa por uma interferência provocada pelo signo X colocado no interior da relação. Vygotsky inicia sua fala, ressaltando os aspectos relacionados ao mecanismo de apreensão direta: um estímulo sendo gerado e tendo uma ação como resposta. Esses comportamentos diretos são comportamentos sobre os quais os sujeitos não refletem sobre. São hábitos incorporados pelo sujeito e internalizados em suas ações, apreendidos ao longo dos anos, por meio dos ensinamentos dos seus pares, da observação dos fatos culturais e até mesmo, mecanismo biológico.

Os comportamentos elementares não desaparecem das ações do homem, mas a eles vão sendo agregados comportamentos mais complexos, dado que a estrutura psicológica do sujeito acompanha todo o processo de crescimento. Este comportamento complexo é estimulado, a partir da introdução de elementos intermediários entendidos por Vygostky como signos. Assim, existe uma inibição da relação direta entre estímulo e resposta, uma vez que a colocação de um elemento, o signo, promove uma reorganização da ação. O agir passa a ser direcionado pela reflexão, pelas questões que surgem a partir da observação do signo. Estando diante de um objeto, de um elemento conhecido, a ação será direcionada para um caminho, e se o objeto ou elemento for desconhecido, estiver fora da realidade do sujeito, então será necessário refletir, confrontar, analisar, pedir ajuda, entender, para só depois agir.

A introdução dos signos, elementos intermediários atuam no processo de mediação, de modo a possibilitar a construção de uma estrutura de raciocínio mais elaborada, o que vai gerar uma ação mais direcionada e apropriada ao contexto no qual a situação problema é descrita. A partir de tais afirmativas, é possível assegurar que “Pensar é algo a ser dominado; a racionalidade reside na organização da significação pessoal a serviço do controle voluntário do pensamento e do comportamento.” (FRAWLEY, 2000, p.90).

O sujeito nessas relações não é um sujeito passivo. É um sujeito responsável pela ampliação do seu universo de conhecimento, e que também é responsável pelo agir no mundo, assegurando que:

A presença dos elementos mediadores introduz um elo a mais nas relações organismo/meio, tornando-as mais complexas. Ao longo do desenvolvimento do indivíduo as relações mediadas passam a predominar sobre as relações diretas (OLIVEIRA, 2001, p.27).

A mediação, como elemento central na teoria sociocultural, revela a dinâmica das relações organismo/meio e reforça os pilares centrais nos quais a teoria encontra-se apoiada, sendo eles: a concepção de que a construção do conhecimento é um processo dissipado na história e que é atualizado e reelaborado constantemente, a partir das interações efetuadas pelo sujeito. O caráter constante da teoria assegura que o agir do sujeito é modelado não apenas pelas interferências do meio, mas também pelas suas próprias construções, moldando posicionamentos sociais, constituição psicológica e comportamental.

O aspecto a ser observado na questão do desenvolvimento dos processos comportamentais é o de que eles se tornam complexos à medida que as interações com o mundo também atingem graus maiores de complexidade. Ou seja, são os desafios do dia-a-dia que reelaboram os processos comportamentais. E para Vygotsky o trabalho possui as características básicas que auxiliam na construção e atualização do conhecimento. Assim,

O trabalho que, pela ação transformadora do homem sobre a natureza, une homem e natureza e cria a cultura e a história humana. No trabalho desenvolvemos, por um lado a atividade coletiva, e portanto, as relações sociais, e por outro lado, a criação e utilização de instrumentos (OLIVEIRA, 2001, p. 28).

A significância do trabalho, essa atividade que permite a socialização, e a criação de instrumentos como extensores das habilidades do sujeito. Assim,

O instrumento é um elemento interposto entre o trabalhador e o objeto de seu trabalho, ampliando as possibilidades de transformação da natureza [...]. O instrumento é feito ou buscado especialmente para um certo objetivo. Ele carrega consigo, portanto, a função para a qual foi criado e o modo de utilização desenvolvido durante a história do trabalho coletivo. É, pois, um objeto social e mediador da relação entre o indivíduo e mundo. (OLIVEIRA, 2001, p.29).

O trabalho é a ação prática na qual o sujeito reelabora seus conceitos, seus pensamentos, atualiza conhecimentos individuais e colabora com o desenvolvimento do conhecimento socialmente constituído. Vygotsky (2000, p.73) destaca a função desses elementos:

O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar.

Em um mundo mediado, em uma realidade mediada, elementos exteriores às relações, surgem sob várias formas. Esses elementos podem ser signos, objetos, instrumentos e seres humanos.

O campo prático operacional é um dos momentos nos quais o processo sociocultural de aquisição do conhecimento acontece. É importante observar que não é apenas o trabalho enquanto agente socializador, mas o trabalho enquanto facilitador de criações, de construções. Observar também a função dos instrumentos e dos objetos desenvolvidos pelos sujeitos ao longo dos séculos. Criações particulares que tiveram seu uso universalizado e que são novamente particularizadas, sofrem a ação da modificação e atualização para adequarem-se às necessidades particulares de cada comunidade,

É a partir da sua experiência com o mundo objetivo e do contato com as formas culturalmente determinadas de organização do real (e com os signos fornecidos pela cultura) que os indivíduos vão construir seu sistema de signos, o qual consistirá numa espécie de ‘código’ para decifração do mundo. (OLIVEIRA, 2001, p.36).

Percebe-se na fala do autor aquilo que comentamos anteriormente: a interdependência e a complementaridade dos elementos que compõem o processo histórico sociocultural apresentado por Vygotsky. A construção cultural da sociedade é transmitida para o sujeito por meio da sua experiência com o mundo concreto, com o ambiente. Ela será internalizada não no seu conjunto bruto, mas será lapidada pelo nível cognitivo particular a cada sujeito. É um mecanismo de individualização da cultura e do conhecimento socializado. Não há como ignorar dentro deste contexto, o papel do grupo cultural, de modo que “é o grupo cultural onde o indivíduo se desenvolve que lhe fornece formas de perceber e organizar o real, os quais vão constituir os instrumentos psicológicos que fazem a mediação entre o indivíduo e o mundo”.(OLIVEIRA, 2001, p.36). A cultura universalizada é particularizada pelos grupos culturais, sendo adaptadas às realidades nas quais serão utilizadas, e individualizadas pelo sujeito, tornando as experiências universais e, ao mesmo tempo tão particulares.

As implicações da mediação – A Zona de desenvolvimento proximal

É preciso mudar constantemente para continuar sendo o mesmo. A sabedoria popular desdobra esse pensamento em diversos ditados e, em termos genéricos, a Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP expressa justamente essa realidade, de constante mudança, retomando o ponto inicial e partindo novamente rumo ao novo, num movimento constante de transformação.

O idealizador da Zona de Desenvolvimento Proximal, Vygotsky (2000, p.112) conceitua a teoria como sendo:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Tem-se dessa forma a conceituação de dois níveis distintos de desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real, e o nível de desenvolvimento potencial. Os nomes dos níveis já dão pistas quanto à sua aplicabilidade na identificação dos níveis de desenvolvimento dos sujeitos. Nível real remete àquilo que já está presente, já o nível potencial remete à potencialidade que o sujeito possui para realização de determinadas tarefas com o auxílio dos outros.

Na literatura, encontramos as seguintes definições para a zona de desenvolvimento proximal “a ZDP surge, de forma mais genérica, como contexto intersubjetivo para o crescimento através da ajuda” (FRAWLEY, 2000, p.102). Uma distância entre níveis que abre possibilidades para intervenções construtivas, de modo que “a Zona de Desenvolvimento Proximal refere-se assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real” (OLIVEIRA, 2001, p.60).

Reforçando o conceito, Vygotsky (2000, p.113) afirma que “a Zona de Desenvolvimento Proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de ‘broto’ ou ‘flores’ do desenvolvimento, ao invés de ‘frutos’ do desenvolvimento”.

Importante observar como Vygotsky demarca os níveis de desenvolvimento dentro da proposta da ZDP. Tanto o nível real quanto o potencial encontram-se na fase embrionária. São brotos, são funções com disposição para o crescimento. Não são etapas fechadas, mas fases

em constante reelaboração. O próprio Vygotsky (2000, p.113) enfatiza que “aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã”. Frawley (2000, p.102) ressalta que “qualquer situação baseada na diferença entre o desenvolvimento real e o potencial constitui um microcosmo do crescimento”.

Oliveira (2001, p.59, grifo do autor) pontua as diferenças entre os níveis de desenvolvimento “Vygotsky denomina essa capacidade de realizar tarefas de forma independente de nível de desenvolvimento real” A habilidade do sujeito para agir frente a situações já conhecidas tendo como base os conhecimentos que já possui. Essa habilidade estaria vinculada ao desenvolvimento real. “[...] o nível de desenvolvimento potencial, isto é, sua capacidade de desempenhar tarefas com a ajuda de adultos ou de companheiros mais experientes”.(OLIVEIRA, 2001, p.59, grifo do autor).

A autora destaca os níveis de desenvolvimento postulados por Vygotsky. Em seguida, enfatiza que no domínio do desenvolvimento potencial, o auxílio dos outros é fundamental para a resolução dos problemas e descoberta de novas vivências, de modo a elevar as capacidades do sujeito que sozinho, não dispõe das habilidades necessárias, mas em um ambiente colaborativo busca não apenas formas para solucionar os desafios, mas para aprender a lidar com as novidades que surgem. Por isso “a idéia de desenvolvimento potencial capta, assim, um momento do desenvolvimento que caracteriza não apenas as etapas já alcançadas, já consolidadas, mas etapas posteriores, nas quais a interferência de outras pessoas afeta significativamente o resultado da ação individualizada.”(Oliveira, 2001, p.60).

Oliveira (2000, p.59) informa que o nível de desenvolvimento real:

[...] caracteriza o desenvolvimento de forma retrospectiva, ou seja, refere-se as etapas já alcançadas, já conquistadas pela criança. As funções psicológicas que fazem parte do nível de desenvolvimento real da criança em determinado momento de sua vida aquelas já bem estabelecidas naquele momento. São resultados de processos de desenvolvimento já completados, já consolidados.

É importante observar como Vygotsky dilui no processo histórico as etapas e o desenvolvimento humano. Para compreender o desenvolvimento real, é preciso justamente contemplar na história do sujeito as etapas já atingidas e as habilidades que ele já possui. Um outro aspecto, ao qual a autora se refere, é o de que a teoria de Vygotsky foi elaborada tendo o desenvolvimento da criança como enfoque principal. No entanto, é possível expandir, ao universo dos adultos, os conceitos dessa teoria. A principal diferença entre o universo das

crianças e dos adultos está na complexidade das suas realidades. Porém, “o adulto recupera a criança, a criança se aproxima do adulto. O mundo social externo é internalizado na metaconsciência individualizada, apenas para ser reacesado quando um sujeito com dificuldades se volta o grupo social”.(FRAWLEY, 2000, p.93).

Nesse breve instante, o instante da incerteza, do desconhecido, adultos e crianças se confundem e, mesmo possuindo universos psicológicos divergentes, recorrem ao grupo social para reconstruir a realidade conflituosa. O ambiente colabora com o desenvolvimento oferecendo a interferência que provoca a dúvida, a incerteza, mas sendo também aquele que oferece apoio e os subsídios necessários para a resolução da crise, já que “o desenvolvimento individual acontece num ambiente social determinado e a relação com o outro, nas diversas esferas e níveis da atividade humana, é essencial para o processo de construção do ser psicológico individual”.(OLIVEIRA, 2001, p.60).

É um contexto dinâmico e interdependente onde “é impossível pensar o ser humano privado do contato com um grupo cultural, que lhe fornecerá os instrumentos que possibilitarão o desenvolvimento das atividades psicológicas mediadas, tipicamente humanas” (OLIVEIRA, 2001, p.79).

A leitura dos postulados de Vygotsky sobre a mediação e a Zona de Desenvolvimento Proximal, leva a uma reflexão sobre o valor da aprendizagem ao longo de todo o processo, que possibilitará a internalização das experiências práticas dos sujeitos. Oliveira (2001, p.79) diz que:

O aprendizado, nesta concepção, é o processo fundamental para a construção do ser humano. O desenvolvimento da espécie está, pois, baseado no aprendizado que, para Vygotsky, sempre envolve a interferência, direta ou indireta de outros indivíduos e a reconstrução pessoal da experiência e dos significados.

É a internalização das experiências exteriores que possibilita a reorganização interior e sobre essa questão Frawley (2000, p.96) argumenta que “quando falamos de internalização na teoria vigotskiana, estamos descrevendo com maior precisão o crescimento interno da experiência vivida que se transforma em significado pessoal”. De modo que “[...] os processos de aprendizagem movimentam os processos de desenvolvimento. O percurso do desenvolvimento se processa de ‘fora para dentro’, por meio da internalização de processos interpsicológicos.” (OLIVEIRA, 2001, p.105).

O aprendizado ocorre na situação de incerteza, quando a interferência do elemento mediador é necessária. O sujeito negocia com o elemento mediador os possíveis caminhos, soluções e implicações da situação. É um processo de troca que gera a aprendizagem. Vygotsky (2000, p.113-114) por sua vez, expõe a questão da seguinte forma:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros.

Vygotsky aponta que o próprio processo de aprendizagem já faz emergir um ambiente favorável para a zona de desenvolvimento proximal, já que, na aprendizagem, vários estímulos são gerados interferindo no desenvolvimento do sujeito. No entanto, todas as possibilidades do desenvolvimento por meio da aprendizagem são possíveis apenas na interação com o meio e com a colaboração com seus pares.

Mas algo precisa ser esclarecido, segundo Vygotsky (2000, p.118, *sic*).

Aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental que, de outra forma seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas.

Desafiar, inquietar, colaborar, raciocinar, concordar, aprender e começar tudo novamente. Processo que parece longo, mas que naturalmente é experienciado continuamente por todos os seres humanos. Vygotsky constrói sua teoria, de modo a compreender esse processo, e o que observamos, a partir do estudo dessa teoria, foi que “o homem biológico transforma-se em social por meio de um processo de internalização de atividades, comportamentos e signos culturalmente desenvolvidos.”(OLIVEIRA, 2001, p.80).

Mediação e a Ciência da Informação

Mediar conhecimentos e descobrir novas formas de ação e interação. O conceito de mediação abarca aprendizagem e desenvolvimento, podendo ser investigado em cenários

diversificados. Para a realização desta investigação, refletimos sobre as questões da mediação, enfocando os aspectos do universo informacional.

Alguns questionamentos nasceram nesta investigação: como tratar os conceitos da mediação em um ambiente informacional com vistas a implantar estratégias de disseminação da informação para usuários? Primeiramente devemos compreender, que na abordagem sociocultural, o ambiente está repleto de informações que poderiam ser relacionadas com os estímulos aos quais o sujeito está exposto.

Estando no ambiente e nos sujeitos, as informações fluem constantemente. As modificações e ações que o sujeito realiza sobre a informação estão diretamente ligadas ao nível de desenvolvimento no qual ele se encontra. Não há como desconsiderar os estímulos do ambiente, ou julgá-los como sendo inferiores ou não sendo informação. Eles serão reelaborados, a partir do momento em que o sujeito possui a estrutura necessária para pensar sobre os estímulos que recebe. Como lembra Almeida Jr. (2008, p.09) “entendemos a informação a partir da modificação, da mudança, da reorganização, da reestruturação, enfim, da transformação do conhecimento”.

A idéia mais recorrente na área de Ciência da Informação sobre o conceito de informação, objeto de trabalho dos cientistas da informação, diz respeito à capacidade que a informação possui para gerar conhecimento; gerou conhecimento é informação. No entanto, propomos aqui uma abordagem diferente para o tratamento do conceito de informação.

O ambiente está repleto de informações representadas de formas distintas, que são compartilhadas entre todos. A informação seria então ‘brotos’ de conhecimento. Ela possui potencialidade para gerar conhecimento; sua maturação, ou seja, a geração do conhecimento será viabilizada pelo sujeito. Os ‘brotos informacionais’ são recebidos pelo sujeito e serão percebidos a partir do nível de desenvolvimento no qual ele se encontra. Assim, a informação está presente, será recebida, mas haverá um tempo para que ela cresça, e gere conhecimento. O tempo de maturação possibilitará a internalização dos estímulos informacionais, para que os mesmos sejam retransmitidos futuramente. O sujeito poderá efetuar a ação de decodificação por méritos próprios, ou poderá necessitar de auxílio no processo de reelaboração dos estímulos informacionais. Só observando o processo histórico é que seremos capazes de identificar em quais momentos os brotos de informação geraram seus frutos, o conhecimento.

Almeida Jr (2009, p.09) descreve em seus trabalhos como o conceito de informação deve ser reelaborado e revisto dentro da área da Ciência da Informação, assim:

Defendemos que a informação não se apresenta construída, não é antecipada nem é previsível. A informação representa o desconhecido. Sendo assim, é ela inquieta e, como tal, causa inquietações, conflitos. Apesar de se constituir no indivíduo, é dependente do coletivo. O próprio conhecimento é dependente do coletivo. (ALMEIDA JR, 2008, p.09).

Descrevemos assim o contexto sociocultural da informação, uma leitura que julgamos mais apropriada para o tratamento do conceito de informação, pois não exclui as diversas formas de estímulos gerados e disponíveis no ambiente e nos sujeitos. De modo que Giglio (2007, p.74) informa que:

No mundo contemporâneo, tudo é conceituado como informação, desde a notícia nas manchetes até o código genético, passando pela cor do alimento e pelo tipo de sensação experimentada dentro da barriga quando se encontra outra pessoa. O mais instigante, entretanto, é que sabemos que nunca saberemos precisamente para quem nos servirão as inúmeras informações com as quais temos que estar atentos, a não ser na hora mesma em que necessitarmos dela! Ora, esse traço da contemporaneidade tem uma homologia notável com a natureza da informação quando pensada em relação ao processo criativo. O criador nunca sabe que conhecimentos sua mente vai atualizar no momento da produção de uma idéia, já que as escolhas dentre o leque de informações disponíveis é em parte inconsciente e intuitiva.

O autor reforça o caráter do momento presente, o instante do acontecimento como sendo o momento da produção do conhecimento e do resgate das influências informativas de cada sujeito. E nesse instante, a informação deve ser entendida como:

Esse contexto histórico sociocultural, presente no conceito de informação defendido por Almeida Jr, também é apresentado por Vygotsky que destaca a história, o processo histórico no qual cada indivíduo está vinculado e suas relações de ação e trabalho, na reelaboração dos conteúdos e na constante reorganização do ambiente e das informações. Contexto diversificado que ganha complexidade junto ao crescimento de suas partes.

A mediação que faz parte desse conjunto, trata-se de uma relação de cooperação mútua, onde crescem aqueles que percebem a riqueza da troca.

E como trazer essas reflexões para os domínios da Ciência da Informação? De forma particular, como organizar atividades de mediação que auxiliem no processo de inclusão digital?

Alguns indicativos já podem ser comentados. A questão de um conceito de informação mais versátil, mais contextualizado. A informação não pode ser entendida apenas como esse elemento surpresa, que acontece simplesmente no contato rotineiro dos sujeitos com os estímulos informacionais. Almeida Jr, ao comentar sobre o conceito de informação, lembra que:

A informação, contrariando o conceito aceito majoritariamente na área, está sendo empregada como criadora de conflitos, pois só estes viabilizam a transformação do conhecimento. A informação não dirime as dúvidas ou elimina incertezas, ela exige a “reconstrução” do conhecimento na medida em que destrói certezas. (ALMEIDA JR, 2008, p.09).

Para a Ciência da Informação a Teoria Sociocultural traz a perspectiva de um sujeito ativo, responsável pela construção do seu próprio conhecimento. Ação que o sujeito realiza consciente ou inconsciente, uma vez que a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem de maneira crescente e cooperativa.

É este sujeito ativo que deve ser transposto para a pessoa do usuário, figura tão discutida na literatura da área da Ciência da Informação. Usuário para o qual os serviços são elaborados seguindo convenções e normas científicas, que muitas vezes esquecem as reais necessidades do público para o qual foram idealizados limitando-se apenas ao formalismo da organização lógica e racional do conhecimento.

A preocupação com o registro e com o suporte limita, não apenas as possibilidades de crescimento do usuário como também comprometem práticas informais, atividades livres nas quais o registro documental é o objetivo secundário.

Como veremos nos demais capítulos, a ação coletiva desvinculada da obrigatoriedade dos resultados, permite a emergência de processos de aprendizagem mais criativos, e acima de tudo mais próximos da realidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Lembramos que o mais importante é a ação gerada pelo suporte, em outras palavras, o movimento de desequilíbrio que o suporte provoca no sujeito e que o leva a buscar novos caminhos e novas perspectivas para seu agir no mundo.

2. ENVELHECIMENTO HUMANO

2.1 Concepções atuais sobre o envelhecimento humano

Carlos Drummond de Andrade já dizia que “tentamos consolar os velhos chamando-os de velhinhos”.(1988, p.159). Envelhecer é uma das etapas do processo de maturação a qual todos os seres vivos estão expostos. A este processo estão vinculados idéias, sensações, conceitos e valores, que foram moldados a partir de uma construção social e individual, de maneira que:

A subjetividade de cada indivíduo e o contexto histórico e cultural interferem na percepção dessa fase da vida que apresenta seus próprios conflitos, assim como suas alegrias e compensações. Desse modo, cada cultura, de acordo com seu tempo e espaço, constrói seu projeto de como lidar com a temporalidade humana. (SALZEDAS; BRUNS, 2007, p.17.).

Os autores expõem de forma clara como a dimensão individual e social influencia no processo de aceitação da velhice ou não. O próprio Drummond destaca um aspecto extremamente relevante, o autor aponta a inclinação natural do sujeito para atenuar o sentido de algumas expressões por meio de um nome com denotação carinhosa, ou a denominação atual que indica palavras mais apropriadas dentro do politicamente correto. Assim, para atenuar a passagem da vida adulta para a velhice, ele denomina os velhos de velhinhos. Essa passagem mostra-se um tanto quanto delicada, a partir da leitura do aforismo escrito por Drummond. Ao utilizar a expressão *tentamos consolar* o autor expressa o desejo de amenizar o peso do envelhecimento e para isso ele faz uso das palavras, artifícios externos que auxiliam no mecanismo de aceitação do processo de envelhecimento pelo sujeito. São mecanismos de defesa, de manipulação social que tentam dar novas conotações ao processo de envelhecer, isso acontece porque:

[...] a negação da velhice aparece nos codinomes “melhor idade”, “segunda adolescência”, “adulto maior”, criados pela ideologia do velamento da velhice, buscando assim atender aos padrões da sociedade de consumo que encontra na população de idosos possíveis adeptos de modismos vigentes e voláteis, como estilos de vestimentas que se modificam. (SALZEDAS; BRUNS, 2007, p.17).

Por outro lado, notamos que são necessários artifícios externos para garantir que o ciclo da vida seja mantido e que as sociedades encontrem o seu equilíbrio populacional. Tal equilíbrio pode ser atingido, a partir do momento que o sujeito compreende que

Os ciclos da vida e as realidades da velhice precisam ser retratados para que as pessoas se vejam nessas representações, para que derivem lições úteis à interpretação de suas experiências vitais e para que amplifiquem a sua compreensão sobre a vida e sobre o mundo. (NERI, 2003, p.21).

O processo de envelhecimento é uma realidade para aqueles que conseguem alcançar uma determinada faixa etária. Pois que “Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem”.(BOSI, 1998, p.77). Retomamos a idéia da subjetividade na formação das idéias sobre o envelhecimento, e ela acaba sendo influenciada não apenas pelas convicções individuais dos sujeitos, mas também por meio da formação cultural, social, histórica presente em cada uma das comunidades. Negar o envelhecimento é negar parte da vida, uma vez que:

Existir é estar em constante movimento, é perceber que o viver está repleto de aspectos que se opõem, mas que são coexistentes. Vive-se e se morre simultaneamente, pois a cada dia, ao projetar-se, o ser visualiza múltiplos e inúmeros horizontes. (SALZEDAS; BRUNS, 2007, p.18).

O autor expõe como a vida está repleta de acontecimentos, é um constante despertar e abandonar. Que interessante seria se o sujeito fosse educado dentro desses preceitos desde cedo, o envelhecimento não seria um susto, seria apenas mais uma etapa. Não teríamos, por exemplo, uma situação como a destacada por Néri (2003 p. 30).

A ampliação da abrangência geográfica do envelhecimento populacional e o aumento da longevidade são apresentados como o coroamento de séculos de esforços sociais e científicos, mas também como um risco iminente, uma espécie de perigosa bomba programada para explodir em curto prazo, sem que indivíduos e sociedade estejam preparados para enfrentá-lo.

Diante de tal condição, não é possível negar que o fenômeno do envelhecimento da população mundial já é uma realidade concreta. Para ter dimensão dessa realidade, é necessário apenas observar as modificações nos perfis populacionais dos povos ao redor do mundo. Néri (2003, p.30) aponta que “os notáveis avanços sociais e da medicina ocorridos ao longo do século XX foram responsáveis pelo alongamento da vida humana até o patamar hoje conhecido de cerca de 115 anos”. Um conjunto de fatores possibilitou esse prolongamento da vida humana. A melhoria dos serviços de saúde, as relações com o ambiente e o

desenvolvimento científico e cultural permitiram que as perdas biológicas dos sujeitos fossem amenizadas por objetos, roupas, alimentos. Assim, o uso desses elementos externos atua como coadjuvantes na manutenção da vida. Aquilo que vai sendo revelado como frágil no corpo do homem, é cercado por auxiliares externos que juntos fortalecem a vida, garantindo sua manutenção. E assim as ciências, os serviços e a cultura foram sendo fortalecidas, não apenas para contemplar os fenômenos do ambiente, mas para olhar para o desenvolvimento dos seres, deles extraindo os conhecimentos necessários. “Ou seja, para se viver uma boa longevidade não basta ter propensão genética. É preciso conquistar esse resultado, mediante investimentos constantes num estilo de vida saudável, física e mentalmente ativo, produtivo e socialmente envolvido.” (NERI, 2003, p.33).

Foi esse conjunto de modificações que permitiu o prolongamento da vida humana, mas que também propiciou o despertar da sociedade para essa fase da vida, interpretada contemporaneamente por diversas óticas; a forma de compreender o envelhecimento foi modificada. E ressalta-se a questão de que cada fase possui características específicas, merecendo olhares e investigações particulares aos contextos, aos momentos da vida de cada grupo que compõe o universo social.

Quando refletimos sobre o momento da infância, percebemos que a criança apresenta um corpo em formação, possui um olhar de curiosidade e de descoberta, pois o mundo é um todo desconhecido. A criança é retratada como o membro mais frágil da estrutura social e sobre ela devem repousar todos os cuidados e direcionamentos formativos com o intuito de assegurar a sua sobrevivência, garantindo assim a sua entrada na vida adulta. Bosi (1998, p.415) ao falar sobre a infância diz que “a infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede aos nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam”. Refletir sobre esse trecho é pensar no infinito de possibilidades que o período da infância permite. Os limites parecem distantes, o aprendizado acontece como divertidas brincadeiras, onde o ambiente é o espaço a ser descoberto e apreendido constantemente.

A fase adulta, por sua vez, representa o momento do ápice corporal e social. Cabe ao adulto a responsabilidade de conduzir e prover famílias, grupos sociais, funções profissionais. Um momento conturbado da vida, um momento repleto de ocupações, de funções, de tarefas exteriores. Falar sobre a idade adulta é dizer que “a idade madura passa rápido. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual, pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza”. (BOSI, 1998,

p.415). A autora salienta de forma clara a distinção entre o período de infinitas possibilidades, da infância, e o estreitamento do mundo na idade adulta, mas não acentua essas diferenças como sendo decorrentes de disposições físicas. As diferenças estão no fato de que na infância existe o espaço e o tempo para criar novas brincadeiras, novas amizades, novas descobertas. Na idade adulta o tempo passa por um processo de afunilamento, ele se torna escasso diante de tantas tarefas, escasso, mas não inexistente.

O adulto experimenta o início do processo que tira de cena a ação, e coloca em questão o tempo. Esse momento de aposentar-se, de envelhecer. Como aceitar de maneira pacífica esse processo de envelhecimento, se as informações vinculadas a ele dizem que:

Na sociedade ocidental e consumista atual, o valor maior, em geral, é dado ao que é novo, “de ponta”, jovem, de primeira mão, e o que é usado, velho, gasto é marginalizado, ou se busca recuperá-lo, para que se pareça com o que há de novo no mercado. Isso não se dá somente com objetos inanimados, que se compram em lojas, acontece também com seres humanos até porque, nos dias de hoje, belos e jovens corpos são considerados mercadorias. (SALZEDAS; BRUNS, 2007, p.17).

Um toque de melancolia e de abandono permeia o processo de envelhecer, mas esse fato decorre das informações que são vinculadas ao processo, o aposentar-se remete a deixar de ser, de fazer, de existir enquanto membro ativo, produtivo e socialmente influente.

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é nem produtor nem reproduzidor. Se a posse, a propriedade, constitui, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participa da produção, não faz nada, deve ser tutelado como um menor. (BOSI, 1998, p.77-78).

Efeito de escolhas, quando se escolhe o novo em detrimento do antigo, leva-se o conceito não apenas para o campo das posses, mas traz-se o conceito para o universo das relações humanas; paralelamente os seres vivos começam suas vidas como seres pequenos, em desenvolvimento e finalizam sua existência com limitação de capacidades, mas não com ausência de vida, e como já foi dito anteriormente, a existência revela possibilidades infinitas.

Esses questionamentos conduzem às seguintes reflexões: qual é o papel do indivíduo velho no contexto social? Houve sempre essa preocupação com a delimitação da atuação de cada um dos elementos sociais, ou os papéis foram sendo construídos na existência?

Por conduzir a pesquisa dentro do conceito sócio histórico, acreditamos que conceitos, funções e o próprio desenvolvimento humano estão escritos no processo de crescimento contínuo, escrito ao longo dos anos, num processo constante que influencia tanto o sujeito quanto o ambiente.

Pensar no papel dos velhos é lembrar de sobrevivência. “Ele, nas tribos antigas, tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição”.(BOSI, 1998, p.82). Pensando nos primeiros grupos sociais, nos homos, pensamos na ausência de um pensamento elaborado, mas lembramos da necessidade imediata da sobrevivência expressa na ação. E a ação requer experiência e para ter experiência, é preciso experimentar e estar vivo para contar. Demarcamos o primeiro papel dos velhos.

A necessidade da sobrevivência impera nos séculos seguintes, e vemos a manutenção dessa idéia de que por possuir maior experiência, o velho deva orientar o agir dos demais por meio do ensinamento das suas vivências com vistas a assegurar a preservação da vida da sua comunidade. Na figura do velho está o registro dos eventos mais importantes da vida de um homem, visto que ele já possui a experiência prática desses eventos, de modo que:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; e enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. (BOSI, 1998, p.74).

O velho é conhecedor das coisas da vida e do ambiente; nele repousa a responsabilidade pela manutenção da sobrevivência dos seus pares. O velho nesse contexto atua como um registro histórico fundamental para a continuidade do seu povo.

As possibilidades de inserção social do velho por meio da sua retórica carregada de resgate histórico e de memórias viabilizam uma ligação entre o presente e o passado. Aqui está a grandeza do envelhecer. Ao falar da infância e da idade adulta, Bosi coloca claramente como a abundância do tempo amplia horizontes, potencializa ações, e como a ausência do tempo estreita a existência e acalma as águas da vida.

Com o velho, nota-se que chegou o momento de experienciar o tempo para o tempo. Momento de retomar o início, olhar com cuidado o amadurecimento e dimensionar o que ainda é possível no presente. De modo que o velho “não sonha quando rememora:

desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens”.(BOSI, 1998, p.82).

Em busca de alargar margens, o estudo do envelhecimento e as abordagens sociais para as questões do envelhecer foram tomando espaços em diversos segmentos no âmbito político, social, econômico e acadêmico. Todas essas iniciativas buscam erradicar a imagem de que o envelhecimento é um processo dominado por perdas e sem perspectivas. Para isso são utilizadas diversas ferramentas, entre elas os meios de comunicação em massa, grandes responsáveis pela formação da opinião pública. Neri (2003, p.15) comenta que “os meios simbólicos – entre eles a literatura, a televisão, e os jornais diários – são reconhecidos como poderosos instrumentos na formação de atitudes e crenças em relação a objetos sociais, como a velhice e os idosos”.

Vale lembrar que não é possível julgar os meios de comunicação como os únicos responsáveis pela formação de conceitos positivos ou negativos sobre o comportamento ou a função social dos idosos. Acerca da formação negativa de conceitos, Neri (2003, p.14) referencia que “Em 1969, foi cunhado o termo *ageism*, um neologismo para nomear os preconceitos que resultam de falsas crenças a respeito dos idosos e cujo efeito é a discriminação social baseada no critério da idade”. Exclui-se por qual razão? Pelo avanço das técnicas de produção e pela consolidação de conceitos que enxergam a produtividade como sinônimo de sucesso. Nesse caso, observa-se que o surgimento do conceito é resultado de uma série de mudanças sociais, que se iniciaram no âmbito do trabalho. O trabalho com fins de manutenção da sobrevivência do homem e como ferramenta de geração de capital e renda, influenciou diretamente na forma como os sujeitos estabelecem vínculos sociais. Assim, ao observar esse conceito *ageism*, percebe-se claramente essa dinamicidade das relações sociais e da construção da língua e dos seus vocábulos. A formação de um conceito atrelado a uma série de comportamentos que vão aos poucos sendo cristalizados no inconsciente coletivo. Assim, “é a imagem da passividade e da improdutividade associando-se a velhice, por meio da educação informal”.(NERI, 2003, p.23). O conceito não nasce por iniciativa da língua, ele é uma construção dinâmica, sociocultural. De modo que:

Os traços estigmatizadores da velhice estão ligados a valores depreciativos culturalmente construídos. Em nossa sociedade pós-moderna o idoso é cada vez menos valorizado – com a exaltação do jovem, daquilo que é jovem, daquilo que é novo, e a experiência vivida parece ter importância secundária. (SALZEDAS; BRUNS, 2007, p.18).

No trecho acima, as autoras destacam a construção cultural como preponderante no estabelecimento de práticas inclusivas e/ou exclusivas na sociedade. Diante disso, não há como indicar apenas os meios de comunicação de massa, como sendo os responsáveis pela formação de tais conceitos. Os meios são construções sociais, e por isso “Os conteúdos da comunicação não podem ser considerados como eventos causadores de comportamento, mas sim como eventos moderadores, na medida em que afetam e, ao mesmo tempo, são afetados pelos comportamentos de indivíduos, grupos e instituições.” (NERI, 2003, p.21). É importante observar que esses conteúdos da comunicação utilizam diversos recursos de linguagem para tornar sua mensagem clara e nesse ponto, temos os conteúdos informativos.

Importante perceber que toda a organização social estrutura-se pautada em conteúdos informativos, sejam eles registrados, orais ou gestuais. E a ação dos meios de comunicação é direcionada para tais conteúdos. A disseminação de informações, nesse contexto, deveria primar por conteúdos verdadeiros, e não por meras posições ou exclusões sociais. Existe um fluxo de informação e um processo de divulgação dessas informações, porém os frutos colhidos nesse processo não geram um crescimento do meio, mas sim a proliferação de idéias ou julgamentos acerca dos indivíduos, nesse caso, a perpetuação da imagem do idoso enquanto entrave social.

A transmissão dessas informações foi tão bem conduzida que os sujeitos emitem pareceres quanto à habilidade ou inabilidade dos velhos sem critérios, apenas pautados nas informações que estão disponíveis. E as informações podem enganar e podem produzir um efeito diferente daquele esperado a princípio. A informação é aquele elemento que ao ser incorporado à realidade do sujeito, causa efeito. Se apresentar um conteúdo similar ao campo de conhecimento do sujeito essa informação é incorporada e assimilada; por outro lado, se apresentar um conteúdo diferente, levará o sujeito a trabalhar sobre o diferente, de modo a entender essas diferenças e trazê-las para o seu entendimento.

Informação nova ou igual tem o mesmo mecanismo de circulação na sociedade e a disseminação dessas informações permeia todo esse processo de construção de um conceito. São essas informações que asseguram argumentos, que são vinculadas em documentos construídos pelo poder público, e que auxiliam na formação dos sujeitos. Daí a importância de desenvolver práticas de disseminação da informação sem a atribuição de valor, dispondo os conteúdos informativos de tal forma que os usuários sejam capazes de julgar aquilo que é apropriado e aquilo que não é.

A idéia é permitir e ampliar as formas de acesso aos diversos conteúdos informacionais, proporcionando ao sujeito maior exposição ao novo e ao igual, conseqüentemente melhorando a sua capacidade de observar a realidade com uma postura crítica, com uma postura reflexiva, mudando assim o enfoque do produtor informacional.

Uma maior quantidade de conteúdo informacional implica que os produtores de informação são oriundos de fontes diversas, desde os meios de comunicação em massa, até mesmo o aposentado de um povoado distante, mas um que um dia teve a coragem de contar sua história, num simples cordel. O papel dos profissionais da informação é justamente ampliar o acesso, dando voz a sujeitos, a pequenas comunidades, porque o olhar do observador externo é sempre carregado de conceitos historicamente construídos, o olhar interior é diferente. E quando pensamos nos velhos a diferença fica maior ainda. O olhar do velho é o olhar particular da história, é o olhar da informação que por diversas vezes não se encontra registrada nos livros, e que é rica, pois traz as particularidades e peculiaridades da sua formação, da sua região, crenças, medos, afetos.

A atitude necessária para almejar mudanças é sustentada pela segurança ou pela ousadia que só sujeitos devidamente informados podem alcançar. O conceito atual indica que estar informado é ter poder. E para os idosos, a apropriação das informações pode ser altamente favorável como um mecanismo de retomada da ação social, já que o envelhecimento acarreta perdas nas posições sociais. A estimulação dos idosos por meio das informações resgata sua autonomia e garante manutenção do seu status social, garantindo assim a defesa dos seus direitos pessoais. Sobre a importância das ações diante dos problemas, e o papel das informações nesse contexto, Giglio comenta que:

Temos um impulso natural para começar buscando informações sempre que temos um problema pela frente. Intuitivamente sabemos que, quanto mais conhecermos sobre aquilo que nos desafia, mais chances teremos de enfrentá-los. Os estudos sobre processo criativo e solução de problemas dão uma ênfase especial à informação exatamente porque quanto maior for o leque de conhecimentos de uma pessoa, provavelmente mais habilitada ela estará para resolver situações imprevistas. (GIGLIO, 2007, p.73).

O autor pontua sobre a necessidade natural que todo homem possui para buscar informações, mais especificamente no momento da crise. E quanto maior o acervo de informações, maiores serão as chances de resolução dos problemas. Informações ampliam os ângulos de visão com os quais os sujeitos enxergam a realidade. E não há nada mais propício para os idosos. A possibilidade de voltar a enxergar sua realidade com olhar de possibilidades.

2.2 Reescrevendo a história do Envelhecimento: limites e potencialidades.

O tópico a seguir, trataria das questões referentes a perda das habilidades físicas e cognitivas ao longo do processo de envelhecimento. No entanto, não são apenas as perdas no campo biológico que podem diminuir as possibilidades de inserção social dos idosos. A literatura científica, que discute as questões do envelhecimento, acentua a questão do papel social do idoso como fator relevante para a manutenção da qualidade de vida. E esse papel foi sendo aos poucos suprimido tanto na comunidade, quanto no ambiente familiar. Acerca dessa redução da ação social dos idosos, Veras (2004, p.425) destaca que é “a perda do valor social do idoso em função do avanço do capitalismo, que torna o idoso elemento descartável de um sistema que singulariza a capacidade produtiva em detrimento de outras dimensões humanas”.

É de conhecimento de todos que o envelhecimento traz determinadas perdas. No entanto, a vivência plena não se restringe aos corpos jovens e saudáveis. É uma construção social a idéia de que a vida é ilimitada para os jovens e meramente suportável para os idosos. Beauvoir (1972, p.12-13) aponta que:

É um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. Acarreta conseqüências psicológicas: determinadas condutas, com justa razão, são consideradas típicas da idade avançada. Tem uma dimensão existencial com todas as situações humanas: modifica a relação do homem no tempo e, portanto, seu relacionamento com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: seu estatuto lhe é imposto tanto na velhice como em todas as idades, pela sociedade a que pertence. A complexidade da questão é devida à estreita interdependência desses pontos de vista.

De forma direta, Beauvoir reconhece o efeito dos aspectos biológicos sobre o corpo do homem, no entanto ela chama atenção para a relação intrínseca entre fatores sociais, culturais e biológicos e como eles influenciam não apenas a época da velhice, mas também o modo como o homem constrói sua existência ao longo da vida. Ela destaca que para o homem não há um estado natural de vida. Todas as etapas sofrem intervenções quanto a forma de interação com o meio. A vida é então mediada por vários fatores, entre eles, a sociedade à qual o sujeito pertence. Dessa maneira, podemos aferir que as concepções das fases da vida são meras representações. A velhice também é uma representação e como tal sofre alterações conceituais ao longo das épocas. De modo que:

Sabemos que a velhice começava cedo na sociedade antiga. Os exemplos são conhecidos, a começar pelos velhos de Molière, que aos nossos olhos parecem jovens ainda. Nem sempre, aliás, a iconografia da velhice a

representa sob os traços de um indivíduo decrepito: a velhice começa com a queda dos cabelos e o uso da barba, e um belo ancião aparece às vezes como um homem calvo.(ARIES, 1982, p.47).

A expectativa de vida mudou. E esse detalhe aparece discretamente no texto de Ariés, pois que a velhice, como ele relata, começava cedo. Em sua obra *História social da criança e da família*, Philippe Ariés disserta como as representações sociais da criança e da família foram sendo estruturadas ao longo da história. Trata-se de um relato histórico dessas figuras sociais e culturais que até hoje figuram na comunidade. Nesse trecho em particular, o autor destaca as mudanças nas representações sociais da velhice. Não prevalecendo à perda dos atributos físicos como preponderantes para a identificação dos velhos, mas destacando-se os aspectos exteriores.

Falar sobre envelhecimento é falar sobre o que muitas vezes foi entendido como uma fase terminal para a existência biológica do corpo. E nos últimos anos, as pesquisas científicas registraram um aumento significativo nas discussões sobre o envelhecimento, suas representações e suas implicações políticas, econômicas, culturais e sociais. A vida humana tem se prolongado, a vida do homem acima dos 60 anos é uma realidade em crescimento em todo o mundo.

Mas, quem é esse sujeito que envelhece? É o velho ou o jovem da terceira idade? Refletindo sobre essa questão, temos que:

Ao observarmos o processo de envelhecimento na contemporaneidade, identificamos o surgimento de condutas, hábitos, crenças e imagens que alteram significativamente as concepções tradicionalmente associadas às etapas mais tardias da vida. No lugar das tradicionais imagens que articulavam o envelhecimento somente ao descanso, à quietude e à inatividade, surge um modelo identitário que inclui, em sua definição, o estímulo à atividade, a aprendizagem, a flexibilidade, o aumento da satisfação pessoal e a formação de vínculos afetivos inéditos. (SILVA, 2008, p.802).

Segundo Silva, está sendo formado um outro conceito de envelhecimento. Não apenas do processo, mas da atitude do sujeito com relação ao seu processo de envelhecimento. E sem precedentes, pois esse fenômeno é contemporâneo. A geração anterior envelheceu de forma diferente e estabeleceu relações distintas com o meio ambiente. Cada experiência histórica é fruto de uma organização de fatores e com o envelhecimento também é assim. O modelo atual está em sintonia com o formato atual da sociedade. Silva (2008, p.804) lembra que:

De fato, para esses que estão “criando” a sua terceira idade, não há precedentes a serem considerados, convenções a serem respeitadas ou experiência a ser consultada, o que torna a tarefa desafiadora e estimulante. Cabe-nos lembrar que o desafio envolvido na formulação da terceira idade é não só uma experiência de inovação do ponto de vista individual, mas uma construção coletiva, cujos efeitos irão incidir sobre o próprio imaginário social. (SILVA, 2008, p.804).

O conceito é formado de acordo com o retrospecto informacional ao qual cada sujeito foi exposto é fruto do trabalho coletivo estimulado constantemente pela ação dos sujeitos no seu meio.

Mas, quando falamos em envelhecimento o normalmente associamos a conceitos mais antigos. A representação corriqueira, aquela que alimenta o imaginário da maioria dos membros da sociedade, é a de que os velhos são os avós: senhores e senhoras com mais de 60 anos, cabelos brancos e sempre prontos para acolher a família. Na maioria das vezes, pensar nos velhos é pensar em características positivas, como aqueles que foram responsáveis pela vida e sobrevivência de toda uma geração. Afinal de contas, são eles que cuidam dos netos, que contam histórias, que lembram, relembam, e assim atualizam os acontecimentos do passado no corre-corre do presente.

Esse é mais um de tantos conceitos que precederam os tempos atuais e que fazem referência aos idosos. Grande parte destes conceitos reflete não apenas teorias científicas, mas também papéis sociais, econômicos, políticos. Mas todos esses conceitos, relacionados as chamadas fases da vida poderiam refletir sobre a passagem do tempo e sua influência na relação do sujeito com o meio, e possíveis implicações na ação cotidiana. Tal reflexão poderia levar ao seguinte questionamento: A vida acontece como uma transposição de idades, de fases, de etapas? Acerca de tal questionamento, Ariés (1982, p.34) informa que:

As “idades da vida” ocupam um lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média. Seus autores empregam uma terminologia que nos parece puramente verbal: infância e pluralidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade – cada uma dessas palavras designando um período diferente da vida. Desde então, adotamos algumas dessas palavras para designar noções abstratas como puerilidade ou senilidade, mas estes sentidos não estavam contidos nas primeiras acepções. De fato, tratava-se originalmente de uma terminologia erudita, que com o tempo se tornou familiar. As “idades”, “idades da vida”, ou “idades do homem” correspondiam ao espírito de nossos ancestrais e noções positivas, tão conhecidas, tão repetidas e tão usuais, que passaram do domínio da ciência ao da experiência comum.

As palavras indicadas por Ariés eram designações, a necessidade humana de atribuir nomes para identificar, nesse caso em particular, fases da vida, e que não possuíam o sentido que foi sendo atribuído ao longo dos anos. O autor comenta como as palavras, antes abstratas, foram aos poucos incorporando representações e valores sociais, sendo os termos científicos incorporados ao domínio social e ganhando novas conotações, passando assim a representar as chamadas “idades da vida”. Nesse trecho, observamos a citação das fases como infância, juventude, senilidade. Aqui, registramos a senilidade como “idade” que finaliza o ciclo das “idades da vida”. Essas idades não orientavam apenas os arranjos sociais, mas influenciavam diversas formas de expressão até mesmo no campo científico. Dessa maneira, para Ariés (1982, p.35) “as idades da vida eram também uma das formas de conceber a biologia humana, em relação com as correspondências secretas internaturais. Essa noção, destinada a se tornar tão popular, certamente não remontava às belas épocas da ciência antiga”.

Essas noções sobre “as idades da vida”, citadas por Ariés podem auxiliar na compreensão acerca das idades que hoje compõem a sociedade. Retomamos a pergunta feita anteriormente: quem é esse sujeito que envelhece? Poderíamos lançar mão de vários autores que tratariam de descrever o envelhecimento a partir de fundamentações diversas, no entanto, tomamos a liberdade de trazer para a reflexão textos que revelam mais do que o conceito das “idades do homem”; e sim leituras nas quais a descoberta da idade acontece por meio do olhar particular, individualizado.

Cora Coralina (2004, p.25) reflete sobre esse universo de antiguidades relacionado a vida familiar e à vida da comunidade. Aqui identificamos a palavra antiguidades, como termo que remete à senilidade, a velhice e a todas as coisas antigas que fazem parte da história de vida de toda uma geração. Assim:

Quando eu era menina
bem pequena,
em nossa casa
Certos dias da semana
Se fazia um bolo.
Era um bolo econômico,
como tudo antigamente.
Eu era menina em crescimento.
Gulosa.
Era só olhos e boca e desejo
daquele bolo inteiro.
Minha irmã mais velha governava
Regrava.
Era aquilo, uma coisa de respeito

Destinava-se às visitas da noite,
 Detestadas pela meninada.
 Aquela gente antiga,
 Passadiça, era assim:
 Severa, ralhadeira.
 Era gente superenjoada.
 Solene, empertigada.
 De velhas conversas
 que davam sono.
 Antiguidades...

Com sabedoria e riqueza de detalhes Cora Coralina descreve as idades da vida segundo a sua ótica particular. Ela criança, gulosa pela vida, pelos bolos. Tinha sua trajetória de menina em crescimento limitada pelo adulto repressor, representado aqui, pela irmã que governava. E se nada mais bastasse para interferir nessa fome infantil pela descoberta do mundo, lá estava “aquela gente antiga”, superenjoada, repleta de antiguidades: os velhos! Aqui imortalizados pelo olhar da criança. Esse trecho reforça a idéia de que mesmo com a queda das “idades dos homens”, como comentadas por Ariés, ainda temos representações do que são esses períodos. Carregados de atributos positivos ou construídos a partir de idéias negativas.

A própria autora já indica a sua concepção do que é ser velho, ou estar velho. Velho é remeter-se a antiguidades, a posturas que bloqueiam as descobertas espontâneas da vida. O formalismo do viver leva a um processo de perda da vida

Estás morto, estás velho, estás cansado!
 Como um suco de lágrimas pungidas
 Ei-las, as rugas, as indefinidas.
 Noites do ser vencido e fatigado.
 Envolve-te o crepúsculo gelado
 Que vai soturno amortalhando as vidas
 Ante o repouso em musicas gemidas
 No fundo do coração dilacerado.
 A cabeça pendida de fadiga
 Sentes a morte taciturna e amiga
 Que os teus nervosos círculos governa.
 Estás velho estás morto! Ó dor, delírio.
 Alma despedaçada de martírio
 Ó desespero da desgraça eterna.
 (CORALINA, 2004, p.40).

A poesia sentencia o fim de uma vida. A velhice indica essa proximidade com a morte. Nas palavras da autora o envelhecimento aproxima o fim. No poema anterior, observamos como as ações remetem ao antigo, não sinalizando o fim da vida, mas sim um comportamento que se diferencia da vontade de crescer, de descobrir. As antiguidades prezam pelo

conservadorismo. Nesse poema, uma vida de batalhas e sofrimentos é representada pelas marcas deixadas no rosto, sinais evidentes de uma vida já vivida, e que aos poucos vai sendo sondada pelo fim da existência.

Estás velho, estás morto! Será? Para além de proximidade biológica entre o corpo que envelhece e o fim da vida, existe a ação do sujeito que envelhece, independente do nome ou do conceito que a ele vinculamos. O olhar do eu que envelhece é interiorizado, enraizado em tradições e costumes muito particulares, é uma descoberta do cotidiano. Temos essa situação retratada em poema de Cecília Meireles (1982, p.20) que relata sua descoberta da seguinte maneira:

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra

Eu não dei por esta mudança;
tão simples, tão certa, tão fácil:
- Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meireles traz o relato da descoberta da passagem do tempo e das suas consequências. Um conjunto de mudanças físicas, estruturais, mas também uma mudança existencial que só foi percebida com o auxílio de um suporte externo: o retrato. Foi esse suporte que imortalizou aquela figura desconhecida de rosto, corpo, olhar e lábios tão distintos. Onde está o envelhecimento, interiorizado no sujeito ou representado no meio?

Para a autora a mudança foi sutil, constante, certa. Construída ao longo do tempo, diluída na história, experimentada no dia a dia, mas não percebida, não sentida. A descoberta da mudança acontece quando visualizada.

Para saber quem é esse velho, é preciso entender sua história. Compreender que existe um contexto no qual cada sujeito constrói sua existência tendo como referência, modelos, comportamentos, fatores biológicos; mas principalmente, influências educacionais e informativas que irão afetar significativamente o modo como o sujeito entende o envelhecimento e a maneira pela qual ele aceita o seu próprio processo de envelhecimento.

Compreendemos que potencialidades ou limitações nas realizações de um indivíduo idoso dependem de fatores diversos, mas também sofrem influência do olhar particular que cada um possui. Mais do que uma mera opinião, envelhecer é um processo experimentado no dia a dia. É um exercício de olhar a vida com seus olhos e os olhos dos outros, ponderando até que ponto cada olhar pode conduzir a vida.

2.3 Grupos de terceira idade: relendo histórias coletivamente

Talentos são descobertos a partir da observação. Para encontrar sinais de criatividade na maneira como as pessoas conduzem a vida, é necessário oferecer condições para que o sujeito quebre estigmas e construa novos comportamentos, novos trabalhos.

O homem contemporâneo tem como característica a velocidade e o uso otimizado do tempo. Toda a vida é orientada para ser capaz de fazer mais coisas em menos tempo. Mas, para os sujeitos que deixaram o mercado de trabalho, se aposentaram e são chamados de idosos, à organização da vida segue outro rumo. E uma das opções para essa reorganização da história e da vida está na participação em projetos voltados especificamente para a Terceira Idade, para os velhos, para os idosos.

Os projetos possuem objetivos diversos. Possuem caráter assistencial, oferecendo espaços para a permanência diurna, com atividades terapêuticas e recreacionais. Porém atuam também com focos educativos para vivência em grupo, mas também para espaço de produção de estudos e de mudanças no tratamento com idosos.

O enfoque educacional surge dentro das universidades, visando não apenas à manutenção de um espaço para expressão, mas sim um ambiente intergeracional com preocupações educativas e com objetivos claros de reinserção social dos idosos na comunidade de modo geral.

As chamadas UNATI, UAT, partem do mesmo princípio. São universidades abertas a Terceira Idade. Projetos mantidos por Instituições públicas e privadas e que hoje são referenciais no desenvolvimento de metodologias para o trabalho com idosos. Estes projetos buscam por meio das atividades oferecidas e dos pesquisadores envolvidos, propor novas abordagens teóricas e educacionais para o trabalho com os idosos.

Aqui percebemos que os limites biológicos são investigados, divulgados e identificados junto a população atendida, porém, estes limites não são entendidos como limitadores, mas sim como características que podem ser amenizadas a partir do uso de auxiliares externos, suportes adaptados, ou até mesmo da orientação educativa para que o idoso aprenda a superar suas limitações.

Outro aspecto relevante no trabalho dos projetos para a Terceira Idade são as atividades intergeracionais. A convivência entre pessoas com idades variadas permite a troca de experiências e a reelaboração de costumes e posturas, a partir do contato estabelecido entre elas. E a convivência com a diferença auxilia na recuperação da auto-estima, na reafirmação dos papéis sociais e na redescoberta da aprendizagem como um direito e não apenas como uma obrigação formal para colocação no mercado de trabalho.

As propostas educativas das UNATIS aliam estratégias teóricas e práticas de caráter educativo, informativo e lúdico. É preciso uma abordagem diferenciada que perceba o momento de vida dos idosos, pois que o momento da vida daqueles idosos que procuram projetos para a terceira idade indica que já é possível enxergar a vida de modo a encontrar atividades que sejam próximas das suas necessidades. É nesse processo de escolha que reside um dos diferenciais do trabalho com a terceira idade: o público escolhe o que quer, do jeito que quer e na hora que quer.

A organização do projeto está lá. Sua grade de atividades, coordenadores, professores, monitores; mas quem escolhe é o público atendido, ou seja, os idosos. A escolha é a indicação de que o sujeito irá buscar o que gosta, o que o instiga, o que completa as lacunas que foram abertas ao longo da vida.

Um aspecto que merece reflexão é a convivência social possibilitada pela participação nos grupos de terceira idade. O espaço participativo das Unatis viabiliza a integração do sujeito ao grupo, ampliando suas formas de atuação social e a sua rede de contatos.

Os grupos de terceira idade não são espaços que atuam de modo a socorrer possíveis excluídos da esfera social. Mais do que um espaço de reintegração, os grupos de terceira idade independente do perfil dos sujeitos atendidos, desenvolvem práticas que buscam resgatar a auto-estima, eliminar estereótipos a respeito dos idosos, desenvolver práticas de pesquisa de modo a colaborar com a criação de políticas públicas que atendam os sujeitos.

E como vimos nos capítulos anteriormente, a construção do conhecimento é um processo diluído na história e reconstruído constantemente. Para isso não é preciso apenas um sujeito ativo no seu meio, é necessário também a criação de ambientes interacionistas nos quais a aprendizagem possa a ser estimulada. E as UNATIS aparecem como Instituições com aprendizagem contínua e de sujeitos ativos: sendo eles velhos ou não.

3. LEITURAS TEXTUAIS E COLETIVAS

3.1 *Preâmbulos*

Em meio a uma multidão, um homem sobe e toma lugar de destaque em relação aos demais, proferindo palavras desconhecidas. A multidão ao seu redor, agitada pela euforia do encontro social, vai aos poucos desviando o olhar para aquela figura que insiste em pronunciar palavras para que todos ouçam. Palavras diferentes, palavras sedutoras, ditas por um homem conhecedor da arte de ler e dar vida às palavras.

Afinal de contas era o orador, aquele homem e seus discursos, era ele o suporte para o texto. Cabia a ele estruturar suas falas de tal forma que a palavra ao ser pronunciada por ele, tivesse como destino certo os ouvidos perdidos multidão.

E o ouvinte estava lá, lendo com os olhos os movimentos, os gestos daquele homem dono das palavras. Ouvintes e espectadores atentos ouviam e transformavam os sons em pensamentos. Assim, orador e ouvinte iam modelando suas ações.

O primeiro ajusta suas atitudes com vistas a tornar sua mensagem conhecida e palpável. O segundo vai reorganizando o seu universo de conhecimento, de modo a procurar lugares para assentar todas aquelas palavras que invadiam sua realidade.

A cena agora muda. A euforia do convívio social é motivada pelo aumento na distribuição das histórias em suportes diferentes: o livro. As palavras deixam o espaço público e são registradas por meio de sinais gráficos nas páginas dos livros.

Mas o que é esse objeto que agora ocupa as mãos e centraliza a atenção do olhar? O Toque, a apropriação por meio dos sentidos traz uma sensação de propriedade sobre o livro. E as palavras permanecem lá. A sonoridade emitida por elas já não emana da voz de um terceiro, mas sim da própria voz do leitor que reconstrói a história a partir dos rostos, das paisagens que lhes são agradáveis. E o momento do deleite já não é mais público. Não implica estar entre todos e assim presenciar o vai-e-vem das palavras.

A leitura passa a ser sacralizada. Reverenciada com o silêncio, com a reclusão. Um momento íntimo onde o diálogo acontece entre o leitor e um alguém desconhecido. Alguém que insiste em confrontar ou puramente apresentar os fatos do cotidiano.

E ali, no silêncio do espaço reservado para a leitura, o leitor experimenta as palavras por meio do suporte, do toque, do folhear o livro. Reorganiza suas idéias a partir das idéias do outro, o autor, que não está próximo, mas que insiste em provocar inquietações.

O passar dos anos proporciona uma nova realidade: o excesso informacional. As palavras invadiram a realidade e são representadas de diversas formas como imagens, sons, gestos, gostos, cheiros. E não foram só as palavras que aumentaram suas formas de representatividade

Os suportes, aqueles destinados a registrar as palavras, eles também sofreram modificações, alguns foram mantidos, outros abandonados e outros emergiram como o desenvolvimento científico e tecnológico.

E onde está o leitor destes novos tempos? Ele é um mero comprador de suportes textuais da moda, ele insiste em preservar costumes antigos, ou o leitor da contemporaneidade busca novas fronteiras para a experiência da leitura?

Um segmento tecnológico, em particular, vem movimentando essas questões, são os computadores e todos os dispositivos derivados dele. Milhões de palavras explodem aos olhos do leitor e vários são os elos, ou ligações, os chamados links, que podem ser formados a partir dessas palavras.

Palavras que ali na tela brilham, dançam, cantam, piscam, enfim a palavra no computador se agita antes mesmo que o leitor esboce algum tipo de reação.

E o suporte, como entender aquele objeto? Como tocá-lo e entendê-lo como uma extensão das habilidades do próprio leitor? É um processo inusitado, esse processo de descoberta dos suportes, ainda mais de descoberta do computador. Movidos pela curiosidade, ou movidos pela obrigatoriedade do uso, as reações iniciais geram atitudes de desconfiança no princípio, depois o entendimento das regras e a compreensão do uso promovem uma aproximação tímida, com ares de desafio, mas que avança com o passar dos dias.

O computador e a internet oferecem ao leitor uma situação nova. Além da multiplicidade dos formatos das palavras e dos “infinitos” lugares nos quais o leitor pode ser conduzido, existe também a questão do estar só e entre todos ao mesmo tempo. Só porque o

leitor, usuário está diante de uma tela, utilizando uma máquina, afastado do seu grupo real. No entanto, está entre todos aqueles que naquele momento utilizam o ambiente virtual da internet.

Três cenários diferentes, três momentos de leitura. Palavras ao vento, palavras imortalizadas em papéis, palavras que dançam e navegam em um espaço virtual. E para todas essas palavras, existem os leitores, responsáveis pela captura e apropriação de cada uma delas.

No fim, é o leitor quem opera as ações de compreensão, decodificação, descarte ou nenhuma ação sobre essas palavras.

Mesmo com cenários diversificados, aqui descrevemos algumas situações apenas relacionadas com os hábitos e as representações da leitura. Os comportamentos dos leitores foi aperfeiçoado, modificado e adaptado ao longo dos anos. O leitor continua lendo o textual, o papel, particularmente. Mas lê também na coletividade, lê a opinião dos outros, lê com os outros e lê os diferentes suportes para leitura.

Seja ele quem for, o papel de alquimista das palavras não é desempenhado apenas pelo autor, mas também pelo leitor. No desenvolvimento deste trabalho, em particular, voltamos nosso olhar para os leitores com idade superior a 60 anos. De certa forma, esse grupo de homens e mulheres, por vezes chamados de idosos, velhos, mocinhos, terceira idade, enfim, independente do codinome ao qual atendam, o fato é que eles experienciaram os três momentos da leitura aqui descritos.

Experimentaram a leitura pública. Eram crianças, olhos atentos e curiosos observando avidamente a contação dos causos da família e dos vizinhos. Eram crianças e ouviam contrariados os “sermos” sobre como todo bom menino deve se comportar.

Foram jovens e descobriram na vasta literatura os romances clássicos, onde as mocinhas bem comportadas descobrem no casamento e na vida familiar, a realização para a vida. Onde os mocinhos descobriam como deve ser um bom homem, chefe da família e mantenedor do lar. Foram jovens que conhecendo os textos considerados transgressores, almejavam mudar o mundo e construir um mundo mais justo. A vivência destas emoções foi intermediada por meio dos livros encontrados na biblioteca da casa, emprestados ou desencaminhados de algum lugar.

Os idosos contemporâneos lidam com os vários formatos para a leitura e com o turbilhão de informações produzidas pela sociedade do consumo da leitura. Hoje, eles são os idosos que devem reunir as crianças para contar não apenas aqueles causos de outrora, mas devem contar os seus próprios.

É hoje o idoso, que com diversos suportes de leitura, escolhe os seus preferidos e olha com certa desconfiança para as novidades do momento. O idoso de hoje não tem muita certeza sobre o seu papel de contador de histórias, o público já não é mais o mesmo. No entanto, o idoso já incorpora aos poucos a noção e a identidade de contador de vivências.

Assim, além de leitor público ou privado, além do contador de vivências ele, também pode ser autor de histórias. Histórias para serem lidas, ou não. O mais importante é o desejo de tornar público, fatos que são particulares.

3.2 Várias leituras para vários suportes

Ler o quê, como e onde? Ler seguindo regras ou ler livremente. Buscando não apenas os mecanismos obrigatórios para a leitura, mas lendo também o contexto no qual signos, homem e meio estabelecem e desenvolvem relações complexas, constantes e crescentes.

O homem compreende a sua realidade, a partir da teorização ou formação conceitual das palavras. Para entender as marcas, os signos e as pinturas, é necessário explicar, teorizar, dar sentido. A sensação, a apreciação dos registros não basta.

Por isso nada mais natural do que começar um tópico sobre leitura, buscando explicações teóricas para a significação da palavra. Para fins de conceituação, Moraes (1996, p.15) aponta que no ato da leitura “o que existe de mais específico da atividade de leitura é a capacidade de reconhecimento das palavras escritas, isto é, a capacidade de identificar cada palavra como forma ortográfica que tem uma significação e atribuir-lhe uma pronúncia”.

Identificar palavras de acordo com as normas ortográficas e com a significação construída pelo meio e atribuindo pronúncia. Um mundo pronto onde o sujeito adentra como mero receptor, afinal de contas, ele deve seguir as regras ortográficas vigentes, deve aceitar a

significação que foi atribuída à palavra e ainda deve falar de acordo com as normas orais vigentes. No contexto apresentado, é difícil conceber a manutenção e valorização do universo de significação construído pelos sujeitos antes mesmo da aprendizagem das regras e das ortográficas ou normas educacionais.

Mas eis que surge uma pergunta: existe significação para além da palavra? Reformulando, existe leitura antes dos signos? Leontiev (1988, p.188) nos diz que “não é a compreensão que gera o ato, mas é muito mais o ato que produz a compreensão – na verdade, o ato frequentemente precede a compreensão”.

O autor conduz a discussão explicando o modo como as crianças em idade pré-escolar desenvolvem seus atos de escrita e suas primeiras relações com os signos. Aqui, Leontiev coloca como a ação, a interação, a percepção e a sensação de mundo constroem todo um universo de significação, mesmo antes do desenvolvimento das habilidades da escrita. A partir de tal prerrogativa, entendemos que todos os sujeitos possuem um vasto universo de significação antes mesmo da aquisição da escrita.

Assim aconteceu com os leitores. O universo de significação dos leitores já abarcava uma série de representações. Eram elas gravuras, pinturas, discursos, orações. Todo esse conjunto de ações já existia antes do advento do texto impresso. A leitura textual, a leitura do texto impresso, representou uma mudança significativa no modo pelo qual os leitores desenvolviam suas leituras. A rotina da leitura era restrita a classes favorecidas, a população de um modo geral desconhecia o hábito. Para eles, a leitura mais proveitosa era proveniente das praças, das vozes de homem conhecidos, por vezes desconhecidos. Com a introdução da impressão mecanizada e do aumento no número dos livros, uma nova realidade foi instaurada.

O suporte foi modificado. O texto, as histórias antes proclamadas em praça pública, passaram a ter um registro em papel. O contato sensível à pele, o olhar e a proximidade com o suporte permitiu ao leitor acreditar que o texto lhe pertencia, a história era sua, rompendo assim os limites impostos pela formalidade autor/leitor. Ao leitor, pertence não apenas o suporte, pertence à interpretação e a relação que ele estabelece com o material e com o texto ali registrado. O livro é esse objeto que conduz a ação. O autor é esse sujeito desconhecido a provocar o leitor, levando-o ao limite. É ele que com suas palavras provoca desestabilidade ao expressar em palavras as sensações que tantos só conseguem expressar por meio das ações ou do silêncio.

O texto, o registro textual tem esse papel de mantenedor da memória, conservador da história. Porém, o livro não expressa, as palavras não expressam ou não descrevem as construções realizadas pelos leitores a partir da leitura do livro. Esse registro é omitido, reside no campo das sensações, das emoções, e as Ciências entendem que o campo das emoções é irracional, é volátil é perecível, não pode ser registrado.

Todas essas sensações são vivenciadas no particular ou experimentadas coletivamente. E quando pensamos em leituras coletivas, lembramos justamente da capacidade de recriação e reinvenção dos sentidos da leitura a partir da ação coletiva, a partir da leitura socializada. Não apenas a transmissão oral, mas o embate de idéias por meio da voz, provocado pelas palavras escritas. É o texto, que rompe as linhas impressas e ganha vida na ação de um grupo de leitura.

A leitura coletiva acontece visando não apenas o suporte físico a ser trabalhado. Entendemos que as significações e representações da leitura são influenciadas por sua apresentação física. No entanto, compreendemos que os suportes são parte de uma ação de leitura, e que também envolve outros elementos.

Pensar no coletivo, é pensar em uma ação em grupo, um conjunto de sujeitos. Essa atividade em grupo favorece leituras preliminares acerca do contexto onde a ação acontece. Ler coletivamente é ler o conteúdo proposto lançando sobre ele questionamentos sobre sua veracidade ou aproximação com a realidade de cada sujeito do grupo. Assim:

Toda leitura é uma profunda experiência de vida feita no encontro da voz como expressão entre corpo e pensamento. A leitura é como um gesto de decifração do dizer alheio, de textos fechados leve ou hermeticamente. Mas gesto de atenção e cuidado com o que existe e que nos interpela pedindo para que algo nele seja salvo pelo nosso olhar. A leitura é o parto da idéia do texto. (TIBURI, 2008, p.).

A ação de romper com os limites da textualidade, traz a escrita para o universo real do sujeito. Toda essa ação de reinvenção e rebeldia perante a leitura pode ser potencializada por ações em grupo e pelo envolvimento de sujeitos aparentemente tão diferentes, que se reúnem em torno de um objeto fisicamente inanimado, mas potencialmente carregado de voz.

Ler coletivamente é estabelecer diálogos com o outro lado, com o sujeito que está próximo, concordando ou discordando. Arrancando as palavras e os significados estejam eles em suportes físicos ou esquecidos na memória do grupo. Essa ação de abertura permite que as

idéias sejam libertadas de seus registros e assumam direções diferentes dentro do espaço coletivo da leitura. Uma vez que

defendemos que a “verdade” do texto se identifica com a intenção do autor. A intencionalidade do autor deve ser buscada como forma de “entendermos” o texto. No entanto, a intenção é consciente, mas a exteriorização não se restringe ao que o autor pretende comunicar, ao contrário, ela, de maneira insubmissa, revela, explícita mais do que o autor pretendia originariamente. (ALMEIDA JR, 2008, p.09).

A ação de descoberta dos limites da interpretação a partir da ação coletiva permite compreender que os sujeitos envolvidos na atividade são na verdade “uma mistura, as vezes suave e às vezes explosiva, de princípio de prazer e princípio de realidade. Afastemo-nos então do olhar envolvente da serpente”(MORAIS, 1996, p.15)

Olhos envolventes da serpente, e o que será essa serpente? A leitura, em tantos momentos, é considerada como perigosa. Como dotada da capacidade de despertar nos sujeitos comportamentos antes desconhecidos, já que “leitura informa, leitura emociona, leitura é coisa prazerosa.”(SCLIAR, 2008, p.33). Um misto de dever com prazer, e quando devidamente estimulada, uma atividade lúdica que gentilmente provoca pequenas revoluções.

Na leitura coletiva, o sentido, as significações deixam de existir apenas no suporte e na intimidade de cada sujeito e passam ao domínio do texto. A leitura coletiva é uma relação de diálogo entre um conjunto de elementos. Diálogos mediados não apenas pelo suporte material, pela ação do grupo enquanto unidade de troca e pelos sujeitos ali presentes. De modo que, “juntos por símbolos, nós, humanos, nos arremessamos juntos nesta aventura que é a vida. Juntos, não separados; esse caráter de união que o símbolo proporciona é uma coisa importante”. (SCLIAR, 2008, p.33).

A proximidade dos leitores rompe limites

Leitores, mesmo distantes no tempo e no espaço, formam uma família, uma verdadeira irmandade (...) Nos mosteiros medievais, por exemplo, um monge lia para os outros, ainda que esses outros soubessem ler. No século 19, o pai ou a mãe lia para a família reunida, que, igualmente, podia ler. Mas é que o texto proporciona um vínculo emocional.(MORAIS, 1996, p.13).

O papel da leitura, enquanto encontro, já está estabelecido. O encontro é permitido pelo diálogo. Diálogo que, num primeiro momento, ocorre entre autor e leitor em um momento atemporal, conversa discreta que remete inicialmente às histórias do autor, mas que

aos poucos vai sendo influenciada pela criação do leitor. Os textos viajam pelas épocas e se relacionam com leitores diversos.

Rompendo a barreira do particular, a leitura encontra os espaços de discussão e assim alcança novas proporções. Juntos, autor, leitor e leitores, realizam encontros onde dialogam histórias experimentadas ao longo dos séculos, que se atualizam no breve instante do encontro entre tais elementos, assegurando assim que “a casa da leitura tem muitas portas, e a porta do prazer é das mais largas e acolhedoras” (SCLIAR, 2008, p.40) O prazer e o deleite de uma atividade experimentada individualmente ou coletivamente. O prazer da leitura ocorre não apenas como decodificação de signos, mas deve também ser entendida como uma atividade corporal, sensorial, uma vez que os sujeitos estão incorporados ao meio ambiente.

No contexto apresentado em nosso trabalho, notamos que o conceito de leitura abarca não apenas as regras e convenções sociais aceitas como necessárias para a organização da vida comunitária. O ato da leitura é uma ação entre elementos, ação dinâmica, instável, incerta. Ato que pode ser provocado pela obrigatoriedade ou pelo prazer e que envolve a corporeidade do sujeito. A rejeição e aceitação do texto passa pelo crivo do corpo. O suporte de leitura passa pelo crivo do corpo.

Dessa maneira, percebemos que a leitura socializada desempenha uma função importante no processo de formação dos leitores. Os grupos sejam eles, grupos de leitura, ou mesmo grupo de convívio atuam como mediadores no processo, desafiando os participantes e criando pontos de desequilíbrio, favorecendo a emergência de processos criativos. Temos assim uma releitura dos primórdios da leitura, a força da oralidade e sua ligação com os sujeitos. Vimos também que as relações com a leitura dependem do suporte, mas que os suportes são meios, são mediadores. E o corpo do leitor, que é um leitor sensorial, identifica-se com a estrutura física desse suporte, favorecendo ou dificultando o ato da leitura.

Nesse contexto de leitura socializada, coletiva ou particular, a aprendizagem ocorre constantemente, e o desenvolvimento acompanha o processo. As informações são recebidas, às vezes percebidas às vezes não. O mais importante não é a obrigatoriedade da atividade ou da ação cultural, mas sim a vivência e a experiência. Aquela ação de incompletude, que vai ser efetivada em outro momento, não necessariamente naquele lugar ou hora na qual a atividade foi oferecida.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

A construção ou escolha do método de pesquisa deve ter por princípio o contexto no qual a pesquisa será desenvolvida. Sabemos que tal afirmação varia de acordo com os propósitos e objetivos metodológicos traçados para os estudos, porém, no universo das Ciências Humanas, o contexto não poderia ser eliminado, uma vez que, para uma análise mais adequada acerca das necessidades do sujeito, ou mesmo para a solução de determinadas realidades, faz-se necessário voltar o olhar para analisar o contexto no qual tanto o sujeito quanto as situações a ele relacionadas acontecem.

É na interação com o ambiente que a ação acontece, sendo elas rotineiras ou desafios perturbadores. Ocorre que, na maioria das vezes, a observação de diversas situações leva o pesquisador a encontrar possíveis soluções e direcionamentos para os fatos observados.

Diversas são as formas que dão origem às pesquisas acadêmicas. Esta pesquisa, por sua vez, nasceu da observação e do convívio com sujeitos idosos, participantes da Universidade Aberta à 3ª Idade UNESP-Marília, e que frequentam a Oficina de Leitura, oferecida no quadro de atividades do projeto. Foi nesse ambiente de mediação da leitura, ao longo de sete anos que tivemos oportunidade de ter contato não apenas com o trabalho de mediação da informação, como também, ter proximidade com os conflitos, medos, realizações e projetos que cada um dos alunos trazia dentro de si. Nessas reuniões não se investigava apenas informação social, cultural ou literária, mediou-se o que foi, o que se é, o que fazer e como fazer. Revendo noções, quebrando mitos e tabus, reconstruindo novos conceitos. E eis que em uma dessas reuniões, ouvi de um dos participantes da Oficina de Leitura e aluno da UNATI a seguinte colocação: “Fui educada com conceitos do século XIX, cresci no século XX, e envelheço no século XXI, o que faço com todas essas coisas que não sei mexer?”.

Todas essas coisas com as não sei mexer diz respeito a todos os equipamentos e instrumentos que são suportes tecnológicos e informacionais e que, por sua vez, são desafios concretos para uma parcela significativa da população. No caso particular dos idosos, esse problema é concreto, palpável e motivo constante de manifestações contrárias ao uso de tantos aparatos tecnológicos. A observação de tais inquietações motivou o desejo de desenvolver pesquisas que investigasse a relação entre idosos e *todas essas coisas com as quais eles não sabem mexer*. Essas coisas não são totalmente desconhecidas, porém, aos olhos dos idosos, são coisas que não fazem parte das rotinas pessoais. São objetos que os olhos, as

mãos, os ouvidos ainda não aprenderam a ler. E só a leitura mais íntima desses objetos irá favorecer a aproximação entre idosos e as coisas com as quais não sabem mexer. Tal aproximação poderia facilitar a vida daqueles que reclamam de interagir em um meio repleto de *coisas que não sei mexer*. Todas essas coisas estão influenciando a forma como o homem atual relaciona-se não apenas com seus pares, mas também com o seu ambiente.

É necessário observar quais estratégias podem ser utilizadas para auxiliar o processo de aproximação dos idosos aos novos suportes de leitura, nesse caso em particular, o computador e o conteúdo informacional por ele suportado, a internet.

Diante do exposto, estruturamos o capítulo sobre o percurso metodológico de forma a apresentar desde o universo e os sujeitos da pesquisa, perpassando pela escolha do método de pesquisa adotado e os mecanismos de estruturação dos trabalhos bem como os métodos para coleta de dados.

Esperamos com este capítulo, apresentar como essa investigação científica originou-se a partir de um trabalho que começa na Graduação, amadureceu com a cooperação entre pesquisador e projeto de extensão universitária e se renovou com a descoberta de novas inquietações científicas. Tal histórico de pesquisa mostra que o desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos não só está comprometido com os princípios científicos, mas também comporta toda uma leitura da responsabilidade social a ser desempenhada pela Universidade, no âmbito de seus projetos de pesquisa e de extensão universitária. Voltando o nosso olhar para o campo da Ciência da Informação e do papel científico e social também desempenhado por ela, vemos que os profissionais da área e seus respectivos pesquisadores podem se comprometer com o desenvolvimento de produtos e serviços, voltados não apenas para realidades locais, mas também para as particularidades das comunidades investigadas de modo a empreender práticas e pressupostos teóricos que primam pelo respeito aos sujeitos, a cultura e aos valores existentes em cada universo social.

4.1 Instrumento metodológico

Uma das premissas defendidas por esta investigação é a de que nossa experiência de construção do conhecimento é estruturada a partir da mediação, ou seja, nossa experiência de conhecer dá-se por meio de processos mediados sejam por signos, sinais, objetos, pessoas. O modelo de pesquisa, adotado em nosso estudo, vai ao encontro da proposta metodológica utilizada por Vygotsky no desenvolvimento de suas pesquisas. Sobre essa questão Oliveira (2001, p.65) lembra que:

Muito freqüentemente Vygotsky e seus colaboradores interagiram com seus sujeitos de pesquisa para provocar transformações em seu comportamento que fossem importantes para compreender processos de desenvolvimento. Ao invés de agirem apenas como observadores da atividade psicológica, agiam como elementos ativos numa situação de interação social, utilizando a intervenção como forma de criar um material de pesquisa relevante.

E a escolha do instrumento metodológico não poderia desprezar tal premissa. A abordagem utilizada em nossa pesquisa, integra sujeito e pesquisador, revelando o processo dinâmico de construção de relações e de conhecimento. O sujeito da pesquisa atua como co-participante ao longo da investigação e o pesquisador atua de modo a registrar e a oferecer mecanismos que auxiliem na solução das questões apresentadas. Sobre esse método, Oliveira (2001, p.65) reafirma que “O pesquisador nessas modalidades de pesquisa, coloca-se como elemento que faz parte da situação que está sendo estudada, não pretendendo ter uma posição de observador neutro. Sua ação no ambiente e os efeitos dessa ação são, também, material relevante para a pesquisa”.

Temos na relação entre pesquisador e participante da pesquisa, um modelo de Zona de Desenvolvimento Proximal, uma relação mediada, na qual o pesquisador atua como mediador entre o sujeito e os possíveis encaminhamentos para a solução das questões. Assim, têm-se sujeitos com um nível de desenvolvimento real, e o pesquisador, um colaborador que por meio do auxílio prestado por intermédio da pesquisa acadêmica irá oferecer informações, conceitos, idéias e práticas, que irão favorecer a reorganização dos níveis informacionais do sujeito, gerando assim novos conhecimentos e novos estados mentais, num constante processo de reorganização e reconstrução do sujeito e do pesquisador, chegando ao desenvolvimento potencial e reconstrução

Para assegurarmos tal dinâmica no encaminhamento da nossa pesquisa, optamos pela linha de discussão de pesquisa intitulada pesquisa-ação, uma vez que:

É importante que se reconheça a pesquisa-ação como um dos inúmeros tipos de investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação. (TRIPP, 2005, doc.eletrônico).

É um processo de reorganização que possibilita o crescimento de todos aqueles envolvidos no processo. Assim, Thiollent (1988, p.14) afirma que:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Os conceitos apresentados pelos autores estão em consonância com as características que estruturam e dão base à nossa pesquisa, originada da observação e do trabalho com sujeitos, identificando assim as situações problema por eles vivenciados. Justifica-se nosso trabalho como uma linha investigativa da área de pesquisa-ação, pois:

Uma pesquisa pode ser qualificada como pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos implicados no problema sob observação. Além disso, é preciso que a ação seja uma ação não trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida. (THIOLLENT, 1988, p.15).

A atuação do pesquisador no contexto da pesquisa-ação é de extrema importância. Não cabe ao pesquisador ser o solucionador dos problemas, ou ser o centro da atividade de pesquisa, o papel do pesquisador é o de auxiliar a comunidade pesquisada, de modo que ao enxergar várias possibilidades, selecionar aquelas que sejam mais próximas da realidade investigada.

Na pesquisa ação, os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja do tipo participativo.

4.2 Os sujeitos da pesquisa: alunos da UNATI

Muito já foi dito acerca do envelhecimento e não buscamos explicitar aspectos sociais ou mesmo da atuação socioeconômica dos idosos, o que enfocamos é o papel do idoso, enquanto agente ativo dentro do contexto social.

A temática do envelhecimento tem sido explorada por diversos setores sociais, sejam eles dentro do ambiente acadêmico ou dentro dos diversos setores que compõem a dinâmica da sociedade.

Os idosos que fazem parte desse estudo são alunos da Universidade Aberta à Terceira Idade, que fazem parte da Oficina de Leitura e que se identificaram com a temática da Oficina. O grupo tem um total de 11 participantes. A distribuição por gêneros encontra-se da seguinte maneira: dois participantes do gênero masculino, correspondendo a 18.18% do total, e nove participantes do gênero feminino, correspondendo a 81.82% do total. 100% dos participantes possuem nível superior completo. Esses homens e mulheres possuem em sua totalidade, curso superior completo, são leitores acidentais e leitores profissionais. São homens e mulheres que experimentam a vida em um grupo de terceira idade e que enxergam no grupo, não apenas um espaço de convívio social, mas de reafirmação das suas preferências pessoais. Eles escolhem as atividades que lhes agradam. Entre elas as viagens, que convivem com as atividades do projeto e das oficinas, o que leva a outra característica do grupo, a volatilidade na presença dos participantes. Todas as atividades precisam aceitar que os participantes viajam, mas sempre voltam, e todo encontro é sempre um novo recomeço.

Os participantes da oficina já possuem um tempo considerável de convivência enquanto grupo. Do total dos participantes, quatro possuem acima de cinco anos de convivência, correspondendo a 36.36% . Os demais, sete participantes possuem entre três e 4 anos, correspondendo a 63.64%.

É um grupo que, aparentemente, apresenta características coesas, porém é um grupo diversificado. O fato de possuírem nível superior assegura um universo de conhecimento mais amplo, mas quando o assunto são tecnologias, o comportamento dos participantes se torna bem diferente. A familiaridade e a intimidade com a qual o grupo interage favorece a introdução de novas atividades, o grupo atua como elemento facilitador do processo. Os

membros conhecem limitações e potencialidades, mas ajustam seus comportamentos de modo a crescer em conjunto.

4.3 A oficina de Leitura

Mediando interpretações, discutindo pontos de vistas, assim transcorre a dinâmica de um trabalho em grupo. A Oficina de Leitura surge como uma atividade fixa no quadro de Oficinas da UNATI no ano de 2001. E para qual finalidade foi implantada tal Oficina? Para atuar como espaço de desenvolvimento de uma pesquisa de Iniciação Científica, financiada pelo CNPq, Orientada pela Professora Dra Maria Cândida Soares Del Masso e conduzida por mim, na ocasião, ainda aluna de graduação.¹

Muitos aspectos podem ser destacados a partir da vivência da Oficina, que não se finalizou ao fim da pesquisa, continua em atividade por meio de um vínculo de colaboração voluntária junto ao núcleo local da UNATI/Marília.

O aspecto de maior destaque durante as oficinas, diz respeito à familiaridade com a qual os participantes se relacionam não apenas com a dinâmica de trabalho do grupo, mas com as temáticas discutidas, e com os vários suportes sobre os quais é possível empreender um processo de leitura e de reflexão. Reuniões com discussões, reflexões, dinâmicas e textos construídos pelos participantes, assim são os encontros semanais da Oficina de Leitura. Reflexões motivadas por textos literários e que geravam no grupo formas diversas de expressão

É certo que o formato do livro já está incorporado ao hábito dos sujeitos, porém o conteúdo contido nos livros pode ser trabalhado de formas diversas, com maior ou menor grau de intimidade. Ainda mais quando falamos em uma atividade realizada em grupo. A leitura, enquanto um evento social, agrega uma série de variáveis distintas do processo de leitura individual, particular. A leitura e análise de textos realizadas de forma socializada, revelam sujeitos diferentes, opiniões diferentes, interagindo em um mesmo espaço. No entanto, são esses elementos distintos que constroem um sistema de apoio, onde os sujeitos envolvidos

¹ Ver PAIVA, S. B. ; DEL-MASSO, M. C. S.

sentem segurança para revelar desde opiniões sinceras, desprovidas das cargas e valores morais, até mesmo àquelas limitações para agir e interagir no século XXI.

Assim, no âmbito da Oficina de Leitura, não é o suporte informacional, quer seja o livro ou outro suporte já conhecido, que gera estranheza ou desconforto, o conteúdo por diversas vezes é que causa esse fenômeno. Quando deslocamos esses conteúdos para outros suportes, de forma mais particular para o computador, têm-se umas situações na qual suporte e conteúdo necessitam ser trabalhados, de forma a incorporá-los na rotina dos sujeitos da terceira Idade.

4.4 Do literário ao textual: A construção do jornal.

As atividades práticas da Oficina de Leitura revelam que o exercício da discussão e da reflexão reconstrói a arte, e a arte aproxima o sujeito do suporte e dá condições para que um novo processo criativo possa ser gerado. Foi partindo desse princípio de aproximação do sujeito ao suporte, por meio da arte, que surgiu a idéia de estruturar os trabalhos da Oficina de Leitura em ciclos, e a partir desses ciclos, possibilitar a criação de um registro textual. Um produto artístico construído pelos participantes da Oficina que tornaria público conteúdo das discussões produzidas pelo grupo.

Os ciclos temáticos foram divididos da seguinte forma:

1º Ciclo – Os espelhos

Textos trabalhados:

Machado de Assis, conto – O espelho.

Clarice Lispector – O espelho

Guimarães Rosa – O espelho

Junino Brandão – O mito de Narciso

Vídeo

Filme – *Pacto com o diabo* versão moderna de “O retrato de Dorian Gray”

2º Ciclo – A Felicidade

Textos trabalhados

Epicuro. *Sobre a felicidade.*

Renata B. Ferraz, Hermano Tavares, Monica L. Zilberman. *Felicidade: uma revisão*

Darrin M. McMahon. *Felicidade: uma história*

3º Ciclo – A infância

Textos trabalhados

Liliana Sulzback. *Invenção da Infância: narração e depoimentos.*

Mariza B. T. Mendes. *Em busca dos contos perdidos: o significado das funções femininas nos contos de Perrault.*

Chico Buarque de Holanda. *Chapeuzinho Amarelo*

Cecília Meireles. *Ou isto ou Aquilo.*

Esopo. *Fábulas de Esopo*

Vídeo

Liliana Sulzback. *A invenção da Infância*

Para tornar esse registro real optou-se pelo formato de um jornal, que seria construído em dois formatos distintos: impresso e digital. A base para a criação do blog seria justamente o jornal. Assim, o jornal e o blog teriam como conteúdo os textos elaborados pelo grupo, construídos na coletividade, co-escritos pelos participantes. E para uma melhor estruturação dos trabalhos, os participantes foram divididos em subgrupos de trabalho. Deu-se a leitura e discussão dos textos nos ciclos temáticos e ao fim dos trabalhos nos ciclos, foram divididos os subgrupos para a releitura e reinterpretação dos textos, para a produção textual destinada para a publicação dos jornais e postagens dos blog's.

Como pesquisadora, percebi que seria justamente o jornal, seu conteúdo e seu caráter de suporte de leitura, que atuaria auxiliando a aproximação entre idosos e um outro suporte de leitura, o computador. O conteúdo do jornal seria justamente o atrativo necessário para motivar o grupo a transpor suas idéias para o universo digital. Retomo aqui, a idéia de que a arte aproxima o sujeito do suporte. Quanto mais próximo se está do conteúdo e da temática artística, maior será seu interesse pelos produtos artísticos. A relação que estabeleceram com os textos, os transformou em leitores ávidos. O trabalho por eles produzido seria o elemento

artístico que atuaria como atrativo para apresentar um outro suporte, o computador, e uma outra forma de divulgação artística, a internet.

O jornal foi publicado sob o nome de Conto Prosa, nome escolhido por meio das sugestões do grupo. Conto Prosa como dois estilos literários e Conto Prosa para dizer que o grupo também conta histórias e não apenas lê as histórias.

4.5 O jornal no ambiente virtual: o blog.

Propor a transposição de um registro textual para um ambiente colaborativo virtual requer estratégias, uma vez que o grupo trabalha com dois formatos de transmissão da informação. Sobre o texto impresso, impera a linearidade, sobre o conteúdo digital existe a fusão de multiformatos; a ruptura na sequência textual e uma nova estrutura do objeto de suporte o que requer novas formas de relação entre sujeito/objeto.

E ao pensar em uma estratégia de mediação por meio da arte no ambiente da internet, foi necessário escolher um formato capaz de comportar processos de criação e de divulgação mais livres, abertos, democráticos. Um formato que estivesse mais próximo da linguagem do jornal Conto Prosa, e que possuísse uma estrutura simples, direta e de linguagem e comandos simplificados. Os participantes da Oficina estariam preocupados com a disponibilização do conteúdo, das formas atrativas de divulgação de suas mensagens particulares. O ambiente deveria facilitar e convidar o participante a manusear.

O blog foi a ferramenta escolhida por apresentar uma estrutura simplificada para manipulação. O blog é um diário virtual, com políticas de atualização definidas por seus usuários. A escolha dessa ferramenta veio ao encontro dos anseios da pesquisa uma vez que, sé trata de uma ferramenta acessível, com estrutura simples para ser explicada e ser compreendida, de fácil leitura e apreensão, atendendo assim os objetivos propostos para essa investigação, sem esquecer das necessidades de uso dos participantes. Para tanto, buscamos uma abordagem que seja carregada de significado e de relevância para a comunidade com a qual trabalhamos.

Para a criação do blog não bastou apenas ensinar quais eram os procedimentos para o funcionamento correto da ferramenta. A experiência com o grupo mostrou que é preciso tornar o suporte e o conteúdo próximos de suas realidades. Com a discussão dos textos, o processo foi o mesmo. Os elementos criativos que hoje emergem na Oficina de leitura são frutos de um trabalho contínuo de aproximação entre os sujeitos e o suporte livro. Existe a necessidade de aproximar o participante do universo do autor e das idéias apresentadas por ele. Uma imersão em um contexto, por diversas vezes, diferentes do contexto no qual se encontram hoje. Dessa interação surgem às discussões, as criações. Assim, reafirmo, não se leem apenas histórias, os sujeitos envolvidos também são capazes de escrevê-las.

Com o computador e a internet não pode ser diferente. Primeiro o indivíduo deve ser capaz de manusear a máquina, já que o computador nada mais é do que uma extensão das habilidades humanas, encerradas em um suporte. Por isso é necessário permitir que os participantes se familiarizem com o universo do computador e da internet, realizando leitura e releituras constantes, levando os participantes a perceberem suas possibilidades, seus recursos, sua abrangência. E por último, trabalhando com aquilo que lhe é particular, refletindo sobre ele e vendo quais são as possibilidades criativas que irão surgir na migração do jornal para o universo virtual. Uma vez no blog, manipulá-lo de forma a dar feições que sejam próximas ao grupo. Trabalhando o conteúdo de forma que os valores e as referências dos sujeitos sejam revelados e sejam registrados por meio dos textos.

O conteúdo do blog foram os textos produzidos para o jornal e que foram adaptados por meio de um outro processo participativo, uma releitura dessa vez com olhos virtuais. Vários olhares sobre o mesmo objeto, o texto e suas múltiplas formas de divulgação.

Para que houvesse familiarização com o suporte, com vistas a favorecer a inclusão digital, propusemos a criação de uma oficina oferecida aos alunos da UNATI que fazem parte da Oficina de Leitura. Para o desenvolvimento dos trabalhos na Oficina foi definida a seguinte estrutura:

Reuniões semanais – Os encontros semanais garantiram intervalos menores de trabalho e uma interação melhor entre os participantes e a oficina.

Leitura e discussão de textos – Os textos foram utilizados para esclarecer dúvidas sobre os termos utilizados na internet, sobre o desenvolvimento dos computadores e o atual

estágio da internet. Os momentos de discussão dos textos foram conduzidos nos primeiros encontros da Oficina, que são encontros mais teóricos.

Dinâmica de grupo – As dinâmicas de grupo foram utilizadas como atividades lúdicas para explicar conceitos e foram realizadas nos primeiros encontros. As dinâmicas de grupo foram criadas com base na necessidade dos participantes.

Uso dos computadores – Os participantes tiveram contato com os computadores, a partir do 4º encontro. A Unati disponibilizou três computadores para seus alunos. Esses computadores foram utilizados para a montagem do blog, os alunos foram distribuídos em grupos. Cada grupo ficou com um computador.

4.5 A Oficina do BLOG – relatos da história

Número do Encontro	Número de participantes	Título	Objetivos	Material	Síntese
1	8	Interagindo com o computador: livros digitais	Investigar a reação dos participantes ao realizarem a leitura de textos em formato digital	Livros digitais.	Livros atrativos com formato diferenciado, ou seja, em formato digital.
2	2	Apresentando a Oficina e os primeiros passos do blog.	Apresentar a proposta de trabalho da Oficina dos Blogs	Textos para discussão Dinâmica.	Os relatos quanto ao uso das tecnologias e as dinâmicas de integração.
3	10	O que é um blog e como interagir com ele	Apresentar exemplos de blog com vistas a discutir o papel do blog enquanto mídia social.	Leitura de textos Dinâmica.	Relevância para o usuário, eis a chave para serviços e ações educativas promovidas por profissionais.
4	6	Chegou a hora: montagem dos blogs.	Iniciar o processo de criação do blog.	Leitura de textos Manipulação do computador.	Os manuseio do suporte, implica novas descobertas e novas formas de leitura.
5	8	Reorganização para integração: a edição do blog.	Possibilitar o aperfeiçoamento no trabalho com o blog	Computadores Jornal Conto Prosa	O grupo da Oficina, os desajustes e a reorganização dos trabalhos. ZDP na prática.
6	6	O texto virtual: autor e leitor	Transferir o conteúdo do jornal Conto Prosa para o Blog Conto Prosa	Computadores Site www.blogger.com Jornal Conto Prosa	A criatividade é influenciada pela proximidade com as ferramentas de trabalho.
7	6	Texto virtual: autor e leitor – parte 2	Transferir o conteúdo do jornal Conto Prosa para o Blog Conto Prosa	Computadores Site www.blogger.com Jornal Conto Prosa	A manutenção do blog dependerá do interesse particular dos participantes.
8	9	Balanco Final	Investigar a Oficina do Blog.	Conteúdo da Oficina	A criação acontece para além do suporte.

Quadro 1 – Síntese da Oficina do Blog

Número do encontro – 1

Número de participantes - 8

Título – Interagindo com o computador – livros digitais.

Material – Livros digitais –

Livro um Chapeuzinho amarelo – Chico Buarque de Holanda

Livro dois Fábulas de Esopo – Esopo.

Livro três Audiobook Ou isto ou aquilo – Cecília Meireles.

O material utilizado por não possuir um formato digital foi escaneado e o audiobook não teve seu formato alterado.

Objetivos –

Investigar a reação dos participantes ao realizarem a leitura de textos no formato digital.

Verificar a interação entre homem e máquina no processo de leitura.

Proposta da atividade –

Uma atividade dentro, do contexto da oficina de leitura, para preparar os participantes para a Oficina de montagem do blog. A proposta foi estimular a interação homem/máquina por meio da utilização dos livros em formato digital, livros com atrativos, com características específicas, os livros tinham como características:

Livro 1 – Uma história rica em ilustrações, cujas imagens chamavam a atenção. Por ser altamente ilustrado, o atrativo foram justamente as ilustrações. O texto foi utilizado em poucos momentos, para expressar o que as imagens não conseguiam.

Livro 2 – Puramente textual, não havia ilustrações. O detalhe é que as histórias por serem altamente metafóricas, ricas em alegorias, estimularam a criatividade e a imaginação do leitor.

Livro 3 – Audiobook é uma proposta de ouvir histórias, o processo da oralidade das histórias que requer concentração por parte do leitor.

Dinâmica utilizada – Os participantes foram divididos em três grupos, ocupando os computadores nos quais estavam disponíveis os livros.

Reações

Foram observados resultados distintos na atividade. A proposta lúdica de leitura, em um formato diferente, foi uma surpresa para alguns. Ler, na postura do grupo é uma atividade que requer conforto e familiaridade com o suporte, familiaridade que eles possuem com o livro e não com o computador. As reações com os respectivos livros foram diferentes.

Livro 1 – Grupo formado por mulheres. As participantes que fizeram a leitura do livro um ,não possuíam intimidade com uso de computador. As posturas para sentar, e até mesmo a decisão sobre quem controlaria o mouse foram discutidas entre as participantes. Ao fim da discussão, o controle do mouse ficou sob a responsabilidade daquela que estava mais próxima ao computador. O atrativo para o grupo foram as ilustrações. A história trata de uma menina que descobre como lidar com o medo, o mesmo aconteceu com as participantes. O único contato que elas estabeleceram com o computador foi o manuseio do mouse, que dava condições de ‘rolar’ as páginas do livro.

Livro 2 – Grupo formado por homens. Os participantes, que trabalharam com o livro dois, são usuários rotineiros do computador e de internet. Não tiveram dificuldades no contato ou na leitura do material. Ajustaram o tamanho da tela para adequar a leitura e conversaram ao longo da atividade sobre as fábulas, encontrando as ironias por trás do texto.

Livro 3 – Grupo formado por mulheres. As participantes, que trabalharam com o livro três, experimentaram um trabalho diferente. Uma das participantes possui deficiência visual e já está acostumada com oralidade das histórias; as demais tiveram dificuldades para focar a atenção na narração dos poemas. Um outro fator que dificultou o trabalho dos participantes foi, o barulho feito pelos outros grupos. Mas, as participantes encontraram a forma de trabalhar e esse grupo produziu um poema, a partir do título dos poemas que elas ouviram.

Impressões

Como responsável pela coordenação das atividades, escolhi o material da atividade propositalmente. Os livros deveriam possuir características que despertassem alguns comportamentos dos participantes. E assim, percebi que realmente o suporte pode ser aproximado do usuário, à medida que são utilizadas estratégias adequadas. Os livros, seus conteúdos temáticos, as leituras e os debates fazem parte do universo contextual dos participantes. No entanto, o computador, o conteúdo por ele armazenado, a internet, e a constituição física das máquinas são realidades que necessitam ser incorporados ao dia a dia dos participantes. As ilustrações atraíram a atenção e o trabalho com o computador foi aliviado pelo fato do texto ser convidativo e instigante para os participantes. Nesse aspecto, duas questões chamam a atenção, o fato de o material possuir atrativos visuais e o interesse particular na leitura e descoberta do material. A atividade seja ela qual for, deve possuir elementos que aproximem os participantes, que desafiem seus posicionamentos, mas que também sejam próximos do universo de interesse de cada um.

Número do encontro – 2

Número de participantes – 5

Título – Apresentando a Oficina e os primeiros passos no universo dos blog's

Material –

Texto para discussão – Manuel Castells. *A galáxia da internet*.

Objetivos –

Apresentar a proposta de trabalho da Oficina do Blog – Parte prática da dissertação de mestrado

Introduzir atividades lúdicas no tratamento das questões da internet e do uso do computador.

Proposta da atividade –

Apresentar as linhas gerais da atividade, discutindo os trabalhos e o material a ser utilizado.

Dinâmica utilizada –

Leitura do cronograma

Apresentação da proposta

Leitura e discussão do texto

Atividade prática – Dinâmica da Sophia.

Reações

O primeiro encontro foi direcionado para a apresentação da atividade. Cinco alunos compareceram para a atividade. Inicialmente, fiz a apresentação da pesquisa, dos objetivos e das atividades que estavam programadas. Ao longo da conversa, fui esclarecendo dúvidas quanto ao trabalho e então a conversa tomou uma nova direção. Dois participantes começaram a relatar suas inseguranças quanto ao uso das tecnologias no geral, inclusive aquelas de uso doméstico, contrapondo com a opinião de outros dois participantes que relatavam alegremente suas intimidades com seus brinquedos tecnológicos. Foi então que eu resolvi distribuir folhas e solicitei que os participantes transcrevessem os depoimentos que eu estava acompanhando. Segue abaixo, quadro com a transcrição dos depoimentos de alguns participantes.

José Carlos

Meu primeiro contato com a “informática” foi na época de faculdade, meados dos anos 60. Não existiam calculadoras eletrônicas miniaturas. As calculadoras eram mecânicas ou elétricas, pesadas e lentas. Aprendi programação em COBOL e FORTRAN, mas, nunca teve aplicação prática.

Em 1970 estagiei na Burroughs (Concorrente da IBM na área de CPD), foi o meu primeiro contato com a informática prática (isto quando eu já havia me formado).

Comecei a vida profissional como engenheiro em 1971 onde passei a ter contato com o computador (CPD) através de terminais de vídeo que eram integrados com teclado. Trabalhei alguns anos em contato com operadores, programadores e analistas de sistema na função de usuário ou representante de usuários.

Alguns anos de trabalho se passaram, então ouvimos falar do “computador pessoal – PC” que eram máquinas insipientes e de difícil operação. Após alguns anos de trabalho com estas máquinas elas passaram a ser interligadas formando uma rede. Apareceu o “Cirandão” que era um círculo formado por possuidores de Pc’s.

Apareceu o Windows em seguida a Internet. Desde o inicio eu tenho trabalhado com estas máquinas que são bastante amigáveis e úteis.

Não consigo fazer nenhum trabalho importante sem o uso do Microcomputador. Textos, álbuns de fotografia, gravações de músicas em Cd ou Mp3.

Uso para diversas finalidades:

Controle de despesas e documentação em geral.

<i>Participo de alguns sites de relacionamentos tipo Netlog e Orkut.</i>
<p>Trinidade</p> <p><i>Tudo que é eletrônico me afasta, me assusta, não sei se é comodismo ou falta de paciência ou vai me roubar tempo para fazer outras coisas que mais gosto, artesanato, mas ao mesmo tempo, admiro quem sabe usá-lo. Tudo é mais fácil, mais completo, mais rápido. Espero um dia vencer esta resistência.</i></p>
<p>Maria Ivone</p> <p><i>No princípio tive muita resistência ao uso do computador ou qualquer objeto eletrônico.</i></p> <p><i>O uso do caixa eletrônico foi uma agressão para mim. O cartão nunca funcionava. Meu primeiro vídeo cassete, precisei fazer um roteiro para poder utilizar.</i></p> <p><i>O computador chegou ao meu serviço e me deixou em pânico. Por não saber usar, por não querer usar e por achar que seria um vilão que tiraria o emprego das pessoas.</i></p> <p><i>Aos poucos fui aprendendo.</i></p> <p><i>Tive uma professora de informática (VIP) que me despertou o interesse. Daí em diante, fiz grandes progressos. Hoje, falta muita coisa para aprender, mas sei usar o editor de texto, o suficiente para escrever meus textos e poemas. Sei navegar na internet e pesquisar, isso é muito bom, pois o computador tornou-se uma excelente companhia e um excelente meio de aprendizado.</i></p>
<p>Maria Cássia</p> <p><i>O que sinto pelo computador?</i></p> <p><i>Não sei se não gosto, porque não sei utilizar o computador ou se não gosto porque não sei manejá-lo. Aliás, tenho verdadeira “ojeriza” por tudo que é eletrônico, até com o DVD tenho dificuldades.</i></p>

No papel, eles foram mais tímidos quanto a descrição das situações relatadas verbalmente, mas mantiveram suas posturas contra e a favor. Após essa breve mudança no rumo da atividade, voltamos ao cronograma inicial fazendo a leitura e discussão dos textos programados para o dia. Ao fim da discussão, passamos à parte prática.

Dinâmica Sophia

A dinâmica da Sophia nasceu da necessidade de apresentar para os alunos a estrutura em rede, que é o arranjo da internet. A rede é a alegoria mais utilizada para descrever a internet, e nessa rede estariam ligados o blog produzido pelo grupo, e os demais blogs que fazem parte da base de dados do site Blogger. Refletindo sobre tal rede, seus elos, conexões, percebi que as discussões do grupo de leitura seguem o mesmo arranjo. A escolha de livro ou do texto a ser trabalhado aparece como esse link chave e vai sendo desdobrado em outros links, a partir da interpretação de cada um dos participantes do grupo.

Diante disto, desenvolvi um texto que seria o conteúdo básico da atividade. Nesse texto, alguns termos seriam escolhidos como termos chaves. Sobre esses termos chaves, a discussão seria estruturada, de modo a identificá-lo segundo o ponto de vista de cada um. Nesse contexto, os termos chaves do texto atuariam como os links que encontramos na internet. .

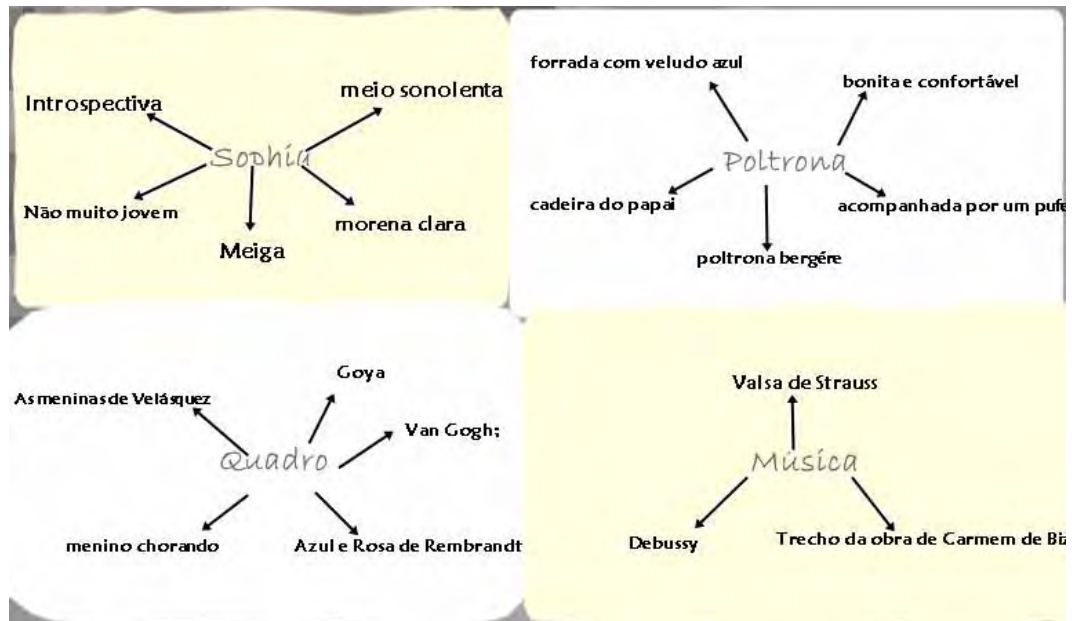
O texto utilizado segue descrito abaixo:

*Sophia repousa em sua **poltrona** favorita. Ela contempla o **quadro** que está diante dos seus olhos. É uma pintura magnífica, réplica de uma obra famosa. Enquanto aprecia a beleza do quadro, balança os pés ao som da sua **música** favorita. Descansa Sophia e assim termina o dia.*

Os resultados foram os seguintes:

<i>Termos chave</i>	Participante 1	Participante 2	Participante 2	Participante 4	Participante 5
<i>Sophia</i>	Introspectiva; de olhar perdido em si, balançando seus cachos loiros; boca de mistério em sorriso monalisa; rosto quadrado.	Não muito jovem; cabelos e olhos castanhos; nem magra nem gorda; meio sorriso nos lábios; olhar lânguido e melancólico.	Meiga; tranquila; seu corpo pequeno cabe muito bem na poltrona.	20 anos; morena clara; cabelos longos negros e lisos; olhos grandes negros e luminosos lindíssima; simpática e voz melodiosa.	Com vestido diáfano; meio sonolenta.
<i>Poltrona</i>	Uma pequena poltrona bergère	Espaldar alto, muito macia e confortável com descanso para os pés e forrada com veludo azul.	Igual a cadeira do papai;	Estampas florais, macia e aconchegante, acompanhada por um pufe.	Guardada, não se sabe de quem, mas ainda bonita e confortável.
<i>Quadro</i>	Comprado no R\$ 1,99; Gravura do menino chorando.	Azul e Rosa de Rembrandt;	As meninas de Velásquez;	Van Gogh;	Goya;
<i>Música</i>	Valsa de Strauss		Debussy		Trecho da obra de Carmem de Bizet

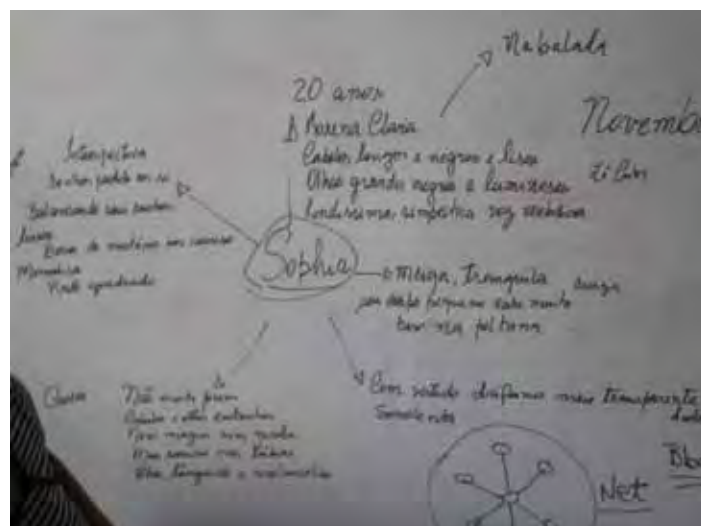
Representação Gráfica da Dinâmica da Sophia



Impressões

A proposta dessa dinâmica era representar visualmente os elos que estruturam as redes de informação que se iniciam no nível celular, na própria organização das células neurais e que foram expandidas para o uso social. Um único termo remetendo a diversos significados, interligados pela organização textual nos quais estavam representados.

A representação da atividade está registrada na imagem abaixo.



Foi uma experiência interessante observar que cada um dos descritores escolhidos pelos participantes, estava diretamente ligado ao seu contexto de vida. E eu não fui a única a perceber isso, os participantes comentavam entre si sobre como era engraçado verificar que a escolha das características eram reflexos da personalidade de cada um deles.

A primeira adequação no rumo da atividade foi o registro dos depoimentos. Falar sobre as familiaridades ou dificuldades foi uma ruptura nos trabalhos, mostrando que a pesquisa e a oficina estariam a todo o momento sendo reajustadas para atender às necessidades do grupo. E foi fundamental para deixar claro a todos os participantes quais eram os níveis de conhecimento que cada um possuía, favorecendo assim as possibilidades de troca de experiência e de aprendizado coletivo. Visualizar essa rede de apoio de aprendizagem, foi importante para mim, pois constatei que eu seria o membro mais experiente do grupo, mas não a única responsável pela orientação do grupo.

A leitura do texto foi o momento de esclarecimento de termos técnicos e do estágio atual da internet e dos computadores. A aplicação da dinâmica atingiu os resultados esperados e os alunos aprenderam na prática, por meio da atividade lúdica, os links que estruturam a rede de computadores e os elos que unificam o próprio grupo.

Número do encontro – 3

Número de participantes - 10

Título – O que é um blog e como interagir com ele.

Material – Textos extraídos da internet que discutem o que é o blog e textos de blog's mais visitados.

Objetivos –

Apresentar exemplos de blog, discutindo a função social dos blog's.

Investigar questões do encontro anterior.

Proposta da atividade

A proposta da atividade é discutir o formato textual e a estrutura dos blog's. Qual a forma de construir blog's e o formato escolhido pelo grupo. Investigando alguns aspectos que foram destacados no encontro anterior, como a questão da relevância das atividades. A relevância seria um dos atratores mais eficazes para o desenvolvimento de atividades que visam integrar comunidades de sujeitos.

Dinâmica utilizada

Leitura de texto

Atividade Prática

A atividade prática para esse encontro foi a seguinte:

Dupla 1 – Pense em uma solução para o seguinte problema: trazer uma mesa que está localizada no canto superior esquerdo do anfiteatro para o palco.

Dupla 2 – Pense em uma solução para o seguinte problema: Helena não gosta de escrever, mas você terá que fazer Helena escrever uma carta de 10 linhas.

Reações

A leitura do texto aconteceu sem maiores problemas, respeitando sempre o momento de construção do vocabulário digital, onde os participantes sempre perguntavam sobre os textos com os quais não tinham familiaridade.

Já a proposta da dinâmica, era observar as estratégias propostas para a solução dos dois problemas. A primeira situação é puramente mecânica, requer ação e pouca

elaboração. A segunda situação requer raciocínio, mas implica também o conhecimento do sujeito ao qual o problema está vinculado, uma vez que a solução passa pela vontade de um sujeito em realizar ou não uma determinada tarefa. Elaborei essa dinâmica para garantir a manutenção do lúdico como atrativo no processo de aproximação homem/máquina, mas também buscava nessa dinâmica, demonstrar na prática, algumas atitudes e posturas mediante tarefas e desafios.

As duplas foram escolhidas e cada um dos membros deveria pensar e executar soluções individualmente, apresentando ao final, as razões das escolhas.

Dupla um

Participante 1 – levantou-se em direção á mesa, ergueu a mesa e a carregou até o palco do anfiteatro.

Participante 2 – Pergunta inicialmente: para que devo pegar a mesa? Questiona qual a necessidade que eu tenho para pedir a mesa e informa que se eu não explicar as razões, ela não irá pegar. E se caso resolver pegar, precisará de ajuda. E não pegou.

Análise da dupla

Participante 1 – Eu até pensei em perguntar para que fazer isso, mas acabei fazendo assim mesmo.

Participante 2 – Você deveria ter perguntado.

Dupla 2

Participante 1 – Helena, seu neto quer muito um presente do papai Noel, e como ele ainda não sabe escrever, você poderia, por favor, escrever uma carta em nome dele, pedindo ao papai Noel o presente tão esperado.

Participante 2 – Helena, lembra daquele poema da Cora Coralina que você leu para mim? Você poderia copiar ele pra mim?

Análise da dupla

Helena é uma participante do grupo que tem grandes resistências quanto a escrever. Todos os membros do grupo sabem da resistência dela, o que agregou um fator diferente na resolução do problema.

Participante 1 – Eu pedi para ela escrever uma carta para o papai Noel. Apelei para o lado vovó para ela escrever.

Participante 2 – Eu pedi a cópia do poema de Cora Coralina, você só pediu que ela escrevesse 10 linhas, não falou que tinham que ser linhas com texto dela.

As situações retratadas acima, mostram claramente o papel da decisão do participante. O responsável pela atividade perde o domínio sobre a ação, no momento em que partilha a execução com os demais participantes.

Impressões

Volatilidade é sempre uma marca em atividades com grupos de terceira idade. Oficina nova implica em novos horários e reorganização de agendas para garantir a participação em todas as atividades. E não seria diferente com a Oficina do Blog. No primeiro e no segundo encontros, números diferentes de participantes. No terceiro encontro, todos estavam presentes, ou seja, os 11. No terceiro encontro, ainda não havia atividades diretas com o computador, mas foi preciso retomar alguns pontos-chaves sobre as questões da pesquisa.

A leitura e discussão do texto seguiam sem problemas, sendo discutidos aspectos referentes a pirataria digital e aos direitos autorais dos textos publicados nos blog's.

A dinâmica foi um momento diferenciado. As soluções dos problemas revelaram as características mais fortes do grupo. Por um lado, a ação direta, sem desenvolver questionamentos sobre o que fazer, por outro lado, o agir condicionado ao que se quer fazer. A ação pode ser assim direcionada, de modo a provocar a ação nos dois sentidos. A responsabilidade de ser suficientemente convincente era minha, eu deveria motivá-los a participar em qualquer um dos cenários. A relevância novamente surge como o elemento presente na elaboração de atividades. No caso da escrita da carta, por sua vez, as participantes

revelaram estratégias que podem ser utilizadas na solução dos problemas, e as duas estratégias utilizaram recursos do conhecimento profundo sobre o participante foco do problema.

E o que todos esses resultados dizem a respeito do trabalho com o blog? Foi possível confirmar que só uma prática comprometida com o interesse do grupo surtiria os resultados esperados. Não como uma forma de manipulação dos resultados, mas para criar as condições necessárias para estimular os níveis de desenvolvimento de cada participante, favorecendo a construção e troca de conhecimentos. A postura do animador cultural, do bibliotecário deve ser a de estimular o agir dos sujeitos, levando-os a exercitarem o hábito de descobrir coisas novas. É o mediador desafiando ou auxiliando o sujeito a atingir novos estágios cognitivos.

Encontro - 4

Números de participantes – 6

Título – Chegou a hora

Material –

Computadores

Textos sobre o blog.

Objetivos –

Iniciar o processo de criação do blog. Conhecer as regras para a criação de um espaço público e virtual voltado para divulgação de idéias.

Proposta da atividade

O encontro teve como objetivo trabalhar o suporte, ou seja, o computador com suas regras e seus instrumentos. Para a execução da atividade foram utilizados três computadores, fazendo com que também na Oficina do Blog, os participantes experimentem a cooperação no desenvolvimento dos trabalhos.

Dinâmica utilizada

Diálogo com instruções para localização dos site, entre eles:

Blogger – www.blogger.com

Youtube – www.youtube.com

Google accounts – www.gmail.com

Creative commons Brazil - www.creativecommons.org.br

Interação idosos computador

Leitura dos documentos do site blogger.

Reações

O número dos participantes continua oscilando. No encontro, compareceram aqueles que de certa forma já possuem o hábito de manusear o computador. A palavra manusear aqui é propícia, pois indica esse contato manual primeiramente como sendo importante para reduzir a repulsa ao computador. A familiaridade com o suporte faz com que a atividade seja direcionada para a questão da criação do blog. Vencida a primeira barreira do contato com a máquina, tivemos uma segunda questão a tratar: as regras para criação do blog.

Apesar de ser um processo simplificado, indicado no próprio site. As etapas de criação visam:

- Assegurar que o usuário possua uma conta de e-mail válida e ativa;
- Criar um perfil para o usuário;
- Escolher um nome para o seu blog.

A execução destes três passos gerou polêmica. Como se tratam de ações obrigatórias, os não cumprimentos de alguma etapa, implicaria na inconclusão do processo. E foi isso que aconteceu com alguns grupos. Após orientação e leitura dos textos de apoio com explicação dos termos especificamente usados no ambiente virtual, os participantes deram início a montagem do blog.

Como se tratava do primeiro contato prático para desenvolvimento do blog, optamos por apresentar as ferramentas internas do Blogger, sendo elas:

- Ferramenta de edição de conteúdo;
- Ferramenta para edição de páginas;
- Visualização do blog.

A atividade foi finalizada com uma proposta: cada participante desenvolveria seu blog particular para exercitar a prática do dia e formar no espaço virtual, a mesma rede que compartilham na oficina.

Impressões

Manusear o suporte: o desafio do dia. O contato prévio com o computador revelou-se como sendo de grande ajuda para a realização da atividade. Para os participantes, foi importante determinar as linhas de ação. Eles precisavam saber direcioná-las para executar as ações. No trato com o monitor, é preciso ajustar a visão para o ângulo ideal. O áudio das caixas sonoras precisa estar devidamente ajustado para o volume adequado. E os botões? Ah é sempre bom saber onde estão os botões.

O objetivo da atividade do dia era a criação e implantação dos blogs. Dessa forma, os trabalhos da oficina foram organizados de modo a executar a tarefa. No entanto, o vocabulário utilizado pela página do Blogger e as regras utilizadas para assegurar uma navegação eficaz, mostraram-se obstáculos significativos, percebidos ao longo de toda a atividade.

Além de compreender os termos ali empregados, era necessário compreender a lógica por trás da execução. Assim, confirmei mais uma vez que os participantes da oficina não queriam reprodução de passos, mas sim autonomia na criação, seja ela no grupo ou no ambiente virtual.

Encontro – 5

Número de participantes – 8

Título – Reorganização para integração: a edição do blog

Material –

Computadores

Jornal conto prosa

Objetivos

Possibilitar aos participantes da Oficina o aperfeiçoamento no uso do blog

Proposta da atividade

Dar continuidade ao processo de edição do blog, trabalhando com a edição dos textos para postagem.

Dinâmica utilizada

- Diálogo para explicação da tela de edição de texto para postagens
- Listas de sites para localizar imagens, vídeos.
- Seleção de textos do jornal

Reações

O número de participantes aumentou, o que gerou não apenas ajustes para a utilização das máquinas, mas também uma reorganização das atividades, com vistas a atualizar todos os participantes ao estágio de desenvolvimento dos trabalhos.

Alguns participantes atuaram como monitores, auxiliando no processo de aprendizagem e colaborando com aqueles que estiveram ausentes nas atividades anteriores. Dessa maneira o grupo pode vivenciar uma situação nova. O reinício das atividades, com vistas a inclusão do grupo e uma atividade cujo foco de execução foi indicada pelos participantes monitores foram acompanhados pela minha orientação.

O manusear, a familiaridade sensorial desenvolvida pelos sujeitos, ao longo do contato com os suportes ou com os objetos do ambiente, causa um impacto no trato com computadores. Tal fato não foi diferente entre os participantes da Oficina. Aqueles que possuem contato rotineiro com computadores e alguns tipos de brinquedos tecnológicos demonstraram maior familiaridade na execução das tarefas. Entre os não usuários, o barulho e as reclamações foram recorrentes.

A reorganização dos participantes trouxe para o grupo aqueles sujeitos que não utilizam os computadores rotineiramente. A atividade buscou explicar ações preliminares quanto ao uso de sites e criação de contas de email, com vistas a transmitir informações sobre

o envio e recebimento de mensagens eletrônicas. Dessa forma, não foi possível trabalhar com postagem de textos neste dia.

Impressões

Recomeçar é uma palavra comum quando pensamos em atividades em grupo e, principalmente, quando os resultados são direcionados para os participantes e não apenas para a atividade. O tempo de convivência, com os sujeitos da pesquisa, mostrou que a organização e reestruturação das atividades planejadas são necessárias e constantes. Porém, existem outros fatos que superam a questão da frequência irregular: a capacidade de ajuste do grupo e a tomada de decisões, visando minimizar as diferenças independentes da interferência do coordenador das atividades. Neste cenário, é possível visualizar a Zona de Desenvolvimento Proximal apresentada por Vygotsky. A atuação dos elementos externos, sejam eles suportes materiais ou colegas de atividades, interagindo no grupo de modo a modificar as estruturas cognitivas de todos.

Diante deste rearranjo do grupo foi possível amenizar as dificuldades referentes ao manuseio do computador, uma vez que o colega estava logo ali, prestando auxílio. As barreiras de acesso às novas tecnologias podem ser amenizadas, mas a superação depende da ação de cada sujeito. Ao observar a atividade foi possível visualizar que para uma ferramenta ser aceita, é necessário que ela faça parte da vida do sujeito. A simples introdução do computador na vida do sujeito não garante seu uso. O que faz diferença é a relevância que este suporte tem para a vida do sujeito.

Encontro - 6

Numero de participantes – 6

Título – O texto virtual: o autor e o leitor

Materiais -

Computadores

Blogger: www.blogger.com

Jornal Conto Prosa.

Objetivos - Transferir o conteúdo do jornal Conto Prosa para o blog Conto Prosa.

Proposta da atividade

Trabalhar com os textos produzidos pelos participantes da Oficina de Leitura para o Jornal Conto Prosa, de modo a debater a estrutura de publicação para materiais impressos e suas diferenças com publicações em formato eletrônico. A conversa buscou identificar pontos-chaves para a publicação online. Outro ponto importante foi o estímulo aos participantes para que eles percebessem o caráter lúdico da atividade, tornando mais fácil as ferramentas de edição do site de modo a ampliar as formas de descrição do texto.

Dinâmica utilizada

Diálogo visando identificar no Jornal Conta Prosa quais conteúdos poderiam ser transpostos para o Blog Conto Prosa.

Reações

Após oscilações na frequência dos participantes a Oficina retomou seus trabalhos com a presença daqueles mais interessados. A postagem dos textos seguiu critérios escolhidos pelos próprios participantes, utilizando vídeos, imagens, referências externas, assim, os escolheram os efeitos que entenderam como sendo importantes para reforçar a mensagem dos textos que foram postados.

Impressões

A ação foi tímida. Mesmo com as explicações teóricas sobre a inclusão das referências externas ao texto, a utilização destes recursos foi limitada. Acredito que a prática fora do ambiente da Oficina trará maiores resultados. Apenas no tocante ao manejo do equipamento e a utilização do site Blogger. O mesmo não posso afirmar quanto ao conteúdo. No momento da postagem do texto a maior preocupação foi deixá-lo o mais próximo possível do original. O foco da ação não era mais o uso das máquinas, mas sim o valor do conteúdo informacional que estaria sendo transferido para ela, para posteriormente ser transmitido para todo o mundo.

Encontro - 7**Numero de participantes – 6**

Título – O texto virtual: o autor e o leitor

Materiais -

Computadores

Blogger: www.blogger.com

Jornal Conto Prosa.

Objetivos - Transferir o conteúdo do jornal Conto Prosa para o blog Conto Prosa.

Proposta da atividade

Trabalhar com os textos produzidos pelos participantes da Oficina de Leitura para o Jornal Conto Prosa, de modo a debater a estrutura de publicação para materiais impressos e suas diferenças com publicações em formato eletrônico. A conversa buscou identificar pontos-chaves para a publicação online. Outro ponto importante é o estímulo aos participantes para que eles percebessem o caráter lúdico da atividade, torna mais fácil a manipulação das ferramentas de edição do site de modo a ampliar as formas de descrição do texto.

Dinâmica utilizada

Postagens no blog

Reações.

A postagem dos textos seguiu critérios escolhidos pelos próprios participantes.

Impressões

Encontro - 8

Números de participantes – 9

Título – Balanço Final

Material –
Computadores

Objetivo – Avaliar a Oficina do Blog.

Reações.

Para finalizar as ações na Oficina do Blog tivemos a montagem do Blog Oficial Conto Prosa, mas também dos blog's individuais.

As reações dos participantes foram divergentes quanto à importância da atividade. Ao desenvolver a atividade procuramos não apenas uma atividade prática com vistas à inclusão digital, mas sim uma atividade que discutisse a viabilidade da introdução de novos suportes de leitura em um determinado grupo social, neste caso, idosos participantes da UNATI-UNESP, Marília.

A discussão sobre novos conteúdos e os novos suportes informacionais foi aceita e debatida no grupo de forma aberta. No entanto, quando a atividade passou do campo teórico para o campo prático as opiniões mudaram. O que influenciou o comportamento dos participantes foi a relevância do uso dos computadores na rotina diária e ainda a utilização de tal suporte como suporte de leitura.

Durante o desenvolvimento das oficinas, uma pergunta foi recorrente: Usar para quê? O apoio do coordenador da atividade, o incentivo dos colegas do grupo gerou entusiasmo para participação na atividade, para continuar a atividade. No entanto, toda essa motivação não implicou aumento no uso computador, muito menos utilização do blog como uma ferramenta de disseminação de informação.

Dois grupos distintos existiam no início da atividade e permaneceram existindo: os que utilizavam computadores e os que não utilizavam. Os que utilizavam montaram seus blog's, e assim ampliaram seus espaços de interação com o mundo por meio da janela virtual que é o blog. Aqueles que pouco utilizavam aproveitaram a oportunidade para aprender novos conteúdos e experimentar a interação em grupo dessa vez mediada por um outro suporte, o computador.

Impressões

Como pesquisadora e coordenadora da oficina de leitura e do blog. Como participante dos grupos e interagindo nas atividades, foi possível perceber não apenas o crescimento do grupo ao longo dos anos, mas levantar hipóteses quanto aos materiais que poderiam ser trazidos para o universo dos participantes. E com a curiosidade da participante e a liderança por meio da coordenação do grupo, visualizei as novas tecnologias como sendo um assunto de grande interesse para os participantes da Oficina de Leitura. Assim nasceu a pesquisa, o mestrado e a Oficina do blog, mas o resultado não foi o esperado.

É o usuário, o sujeito, o grupo quem direciona os resultados da atividade. A escolha é sempre dele. Pesquisador, professor, bibliotecário, agentes culturais; todos possuem a mesma responsabilidade: oferecer condições necessárias para a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos. A forma pela qual eles constroem tal processo depende exclusivamente da ação individual ou mesmo da ação do grupo.

Decepção? Não. Os resultados, ou melhor, os indicadores extraídos a partir da Oficina serviram para reafirmar que para eles o mais importante são os elos informacionais estabelecidos, sejam eles virtuais ou reais. As conexões, os links, os uploads que eles já realizam ao longo dos encontros semanais.

A criação acontece para além do suporte. O suporte é o atrator inicial, porém vai sendo desconstruído ao longo do trabalho, para que haja a emergência de novos conteúdos, novos comportamentos e novas informações. Mais do que o uso prático do suporte, o grupo buscou compreender os mecanismos que auxiliassem no alcance dos objetivos particulares do grupo.

É necessário entender que os conhecimentos práticos necessários para o mercado de trabalho já perderam espaço na lista de prioridades de boa parte dos idosos. O momento atual do grupo revela que o suporte é manuseado com vistas a incorporar atividades do dia a dia de cada um, podem ser necessidades domésticas, relações interpessoais, receitas caseiras ou estudos particulares. O suporte informacional precisa ter essa relação presencial na vida dos participantes.

E quando o suporte não revela essa proximidade contextual não significa que ele seja bom ou ruim, ou no nosso caso, que o computador seja bom ou ruim, que o blog seja bom ou ruim. Significa apenas que os anseios dos participantes ultrapassaram aquele universo que foi

construído ou idealizado para a atividade. E as hipóteses iniciais da pesquisa não detectaram essa leve mudança proporcionada pelo grupo de homens e de mulheres ativos e perfeitamente capazes de influenciar qualquer resultado de pesquisa. O abandono do suporte, o foco na vivência do real e o retorno ao suporte quando entendem que é preciso.

Só resta registrar e reafirmar que a arte da criação independe do suporte varia de acordo com a proposta do trabalho, mas é constantemente influenciada pelas expectativas declaradas pelos sujeitos ou não.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação foi apresentada ao longo deste trabalho como uma ação intervencionista que, ao introduzir um elemento intermediário numa relação de estímulo e resposta, provoca uma ruptura na ação e reorganização com vistas ao restabelecimento do equilíbrio.

Assim nasceu a pesquisa em questão. Em um ambiente de leitura em grupo, cogitamos a inclusão de um novo suporte, o computador, e de uma nova estrada, a internet. Partimos do pressuposto que tal ajuste seria necessário. Afinal de contas muito se fala acerca do fim do livro e da entrada triunfante do computador como “novo” suporte para leitura.

Outro aspecto relevante foram os sujeitos da pesquisa: os idosos. Alunos da Universidade Aberta a Terceira Idade da UNESP, Campus de Marília. Participantes da Oficina de Leitura que há oito anos é oferecida na grade de atividades do projeto.

O trabalho com os idosos mostrou que o conceito, denominação ou representação da velhice é excludente por si só. Assim, qualquer atividade para idosos é vista como inclusão social. Observamos que esse julgamento é feito por aqueles que olham a velhice externamente. Por isso, faz-se necessário, desenvolver pesquisas e investigações científicas capazes de dar voz aos grupos sociais de modo a dirimir preconceitos.

O contexto foi montado: suportes para leitura: livros, computadores, jornal Conto Prosa. Os sujeitos da pesquisa: os idosos. E como relacionamos esses elementos? Buscamos compreender o que é o conhecimento, os meios pelos quais o homem conhece o mundo, como aprende e como se desenvolve.

Dessa maneira, foram apresentados conceitos e teorias que trataram as questões referentes ao conhecimento. Da ação do homem de organizar as coisas ao seu redor, ou simplesmente agir em um mundo previamente organizado. Ao buscar teorias, localizamos a Teoria Sociocultural e seus preceitos, que investigam o desenvolvimento humano no horizonte histórico e não apenas no momento presente.

O olhar a vida do homem a partir do horizonte histórico permitiu ao nosso estudo entender a importância do fator tempo no processo de maturação de cada sujeito. Com isso o

foco da investigação não foram os resultados práticos, quantificáveis. E sim, a construção colaborativa de um projeto de pesquisa com vistas a registrar o percurso histórico de uma atividade coletiva com novos desafios.

No contexto da Oficina, constatamos que há uma relação corpórea entre os sujeitos, os suportes, os conteúdos e com os demais membros da sociedade. Quando focamos a relação sujeito suporte, notamos que o contato é necessário. O manuseio permite que o sujeito modele o suporte, dando a ele as características que lhes são favoráveis. Esta situação é descrita por Vygotsky quando trata da importância do trabalho realizado pelos homens na manipulação de instrumentos. O trabalho nesse contexto não é apenas o que provê o sustento, e sim uma ação que remodela e atualiza o homem que reinventa o instrumento a partir do trabalho.

É preciso lembrar que o suporte desempenha função preponderante no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos sujeitos. Por isso, as atividades devem primar pelo entendimento do suporte como um instrumento que instiga ação.

Notamos que nas atividades desenvolvidas em grupo, o suporte atua inicialmente como atrator da ação. No entanto, ao longo da atividade, o suporte é deslocado da ação para que novos comportamentos e novas ações sejam vivenciadas, revelando assim as preferências dos sujeitos.

Verificamos que, independente da funcionalidade do suporte, a relevância entre seu uso e a vida do sujeito é que irá nortear a escolha. E são os sujeitos que indicam quais são as suas necessidades e seus usos e desusos sobre os suportes informacionais. Sejam eles destinados para a leitura ou para atividades afins.

O computador, no contexto do nosso estudo, foi colocado no centro das discussões. No entanto, foi suprimido pelo grupo. Percebemos que a motivação para participação na atividade era resultado dos laços entre os participantes da Oficina, e não motivada pelo “novo” suporte.

Acreditamos que as atividades culturais ou de disseminação da informação, devem ser idealizadas com vistas a atender aos sujeitos e aos grupos. A diferença entre elas é que no segundo caso é preciso admitir o universo particular de cada sujeito, para depois entendê-lo no contexto do grupo.

O ambiente em grupo já oferece a estrutura de instabilidade necessária para que a ZDP aconteça.

A relação entre autor e leitor também possui natureza instável. Mas as atividades em grupo oferecem um grau maior de desajuste. Os signos externos são de ordens diversas em uma atividade em grupo.

O livro, o texto, a opinião pessoal, a opinião do outro, a concordância ou discordância, as reações, as lembranças, enfim, os estímulos são gerados por fontes diversas, ora reforçando a postura inicial, ora desconstruindo toda uma ordem racional.

O sujeito da pesquisa não deve ser considerado como receptor de uma ação científica. Ao longo do nosso trabalho e dos relatos aqui descritos, percebemos que as atividades acontecem pelo e para o sujeito.

A preocupação no desenvolvimento de serviços e produtos por parte dos profissionais da informação não deve estar voltada para o produto final, uma vez que trabalhamos com a idéia de sujeitos que constroem seu conhecimento a partir de um processo sociohistórico repleto de estímulos.

No registro documental não está retratado toda a cadeia informacional e cognoscente na qual o sujeito construiu sua história. O resultado ali registrado é apenas pontual. Por isso acreditamos que as atividades de ação cultural não devem ser tratadas como produtos informacionais e sim como ações que potencializam o desenvolvimento dos sujeitos

Precisamos lembrar que o foco não pode ser o produto já que ele é efêmero e o que garante sua efemeridade é justamente a possibilidade de reinvenção operada pelos sujeitos.

Não podemos esquecer que é pelo trabalho que o homem refaz seu conhecimento e a ação da criação e recriação é constantemente possibilitada pela ação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. In: IX ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2008, São Paulo. Anais. São Paulo, 2008. v. 1
- ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. Mediação da Informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIN, M. (Org). **Gestão da Informação e do conhecimento**. São Paulo: Polis; Cultura Acadêmica, 2008.
- ALMEIDA JUNIOR, O. F. **Mediação da informação e múltiplas linguagens**.
- ANDRADE, C. D. **O avesso das coisas**. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1978.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. São Paulo: Difel, 1970.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 5ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BRANDÃO, J. de S. **Mitologia grega**. v.1. São Paulo: Vozes, 2001
- BUARQUE, C. **Chapeuzinho amarelo**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2000.
- CHARTIER, R. **Formas e sentidos cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 2003.
- CHAUÍ, M. **Convite a Filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- COLE, M. ; SCRIBNER, S. Introdução. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.1-19.
- CORALINA, C. **Melhores poemas de Cora Coralina**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2004.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- ESOPO. **Fábulas**. Porto Alegre: L&PM, 2007
- FERRAZ, Renata Barboza; TAVARES, Hermano; ZILBERMAN, Monica L. Felicidade: uma revisão. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo, v. 34, n. 5, 2007. Disponível em <http://www.Scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000500005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 ago. 2009. doi: 10.1590/S0101-60832007000500005.

FISCHER, S. R. **História da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FRAWLEY, W. **Vygotsky e a Ciência Cognitiva**: linguagem e integração das mentes social e computacional. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GIGLIO, Z. G. A criatividade e os caminhos: em busca do mapa no processo de envelhecimento. In: **Envelhecimento humano**: diferentes perspectivas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p.73-90.

GUIMARÃES ROSA. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

JOHN-STEINER, V. ; SOUBERMAN, E. Posfácio. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.1-19.

LISPECTOR, C. **Para não esquecer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACHADO DE ASSIS. **O espelho**. Disponível em: <
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1948>.
Acesso em 12/11/2008.

MCMAHON, D. M. **Felicidade**: uma história. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

MEIRELES, C. Ou isto ou aquilo. São Paulo, 2004. (audiobook)

MEIRELES, C. **Viagem; Vaga Música**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982

MENDES, M. B. T. **Em busca dos contos perdidos**: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORAIS, J. **A arte de Ler**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

NERI, A. L. Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do jornal Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. In: **As múltiplas faces da velhice no Brasil**.Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. p. 13-54.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico. 4ª ed. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

PAIVA, S. B. ; DEL-MASSO, M. C. S. Envelhecimento humano: leitura e memória. In: **Envelhecimento humano**: diferentes perspectivas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p.53-72.

PERROTTI, E. ; PIERUCCINI, I. **Infoeducação**: saberes e fazeres da contemporaneidade. Disponível em: < <http://infoeducacaousp.blogspot.com/2008/10/infoeducacao-saberes-e-fazeres-da.html>> Acesso em: 04/05/2009

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vygotsky. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 71, p. 45-78, jul. 2000.

SALZEDAS, P. L; BRUNS, M. A. de T. O corpo em transformação: a silenciosa passagem do tempo. In: **Envelhecimento humano: diferentes perspectivas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. P.13-22.

SCLIAR, M. O valor simbólico da leitura. In: AMORIN, G. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-livro, 2008.

SILVA, Lomba Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, mar. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702008000100009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 20 ago. 2009. doi: 10.1590/S0104-59702008000100009.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Terceira idade: nova identidade, reinvenção da velhice ou experiência geracional?. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 4, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312008000400011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 ago. 2009. doi: 10.1590/S0103-73312008000400011.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

TIBURI, M. **Filosofia em comum: para ler junto**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 31, n. 3, Dec. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 Feb. 2009. doi: 10.1590/S1517-97022005000300009.

VERAS, Renato Peixoto; CALDAS, Célia Pereira. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, jun. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232004000200018&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 ago. 2009. doi: 10.1590/S1413-81232004000200018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, L.S. ; LURIA, A.R. ; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 3ª ed. São Paulo: Ícone; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.